

Campus de Patos: uma história que deu certo



Maria da Silva Ramalho
Thayamma Brena Leite Maranhão de Lucena
Rawena Ertha Leopoldino de Medeiros

O discurso materializa pensamentos e sentimentos, é efeito de sentido, e não apenas produtor de sentido. Existem razões para que ele exista mais do que isso, existe razões para que outro discurso não exista. A mesma ideologia que determina a evidência de um determina o ocultamento de outro. Sabemos que a construção de um bloco histórico hegemônico se dá de modo privilegiado no discurso. É por meio dele que se busca o consentimento e a adesão. É por meio do discurso, seja ele político, religioso, artístico, filosófico ou jornalístico, que as idéias hegemônicas ou predominantes de uma época ou de um grupo são cristalizadas. Foi através dos depoimentos dos ex-reitores, diretores e ex-diretores do Campus VII da Universidade Federal da Paraíba, agora pertencente à Universidade Federal de Campina Grande, que esse livro foi produzido no intuito de escrever uma história que necessitava estar inscrita: a do Campus de Fatos da UFCG.

Campus de Patos: uma história que deu certo

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL DA UFCG

R165C Ramalho, Maria da Silva.

2008 Campus de Patos: uma história que deu certo | Maria, Silva Ramalho;
Thayamma Brena Leite Maranhão de Lucena; Rawena Ertha Leopoldino
de Medeiros. - Campina Grande: EDUFCG, 2008.

100p.

ISBN: 978-85-89674-50-8

1. Cidade. 2. Universidade. 3. História. I Lucena, Thayamma Brena Leite Maranhão de. II Medeiros, Rawena Ertha Leopoldino de. III Título.

CDU - 930.85

Campus de Patos: uma história que deu certo

Maria da Silva Ramalho

Thayamma Brena Leite Maranhão de Lucena

Rawena Ertha Leopoldino de Medeiros

Organização: Fábio Ronaldo da Silva
Diagramação / Projeto gráfico: Iure Medeiros Dantas
Revisão: Valberto Cardoso

Ramalho, Maria da Silva
Lucena, Thayamma Brena Leite Maranhão de
Medeiros, Rawena Ertha Leopoldino de
Campus de Patos: uma história que deu certo / Maria da
Silva Ramalho, Thayamma Brena Leite Maranhão de Lucena,
Rawena Ertha Leopoldino de Medeiros - Campina Grande:
EDUFCG, 2008.

Agradecemos primeiramente a Deus por ter nos concebido e nos dado força para realizar mais um sonho. A nossa família, aos namorados, ao nosso orientador pela paciência e dedicação, a todas as pessoas entrevistadas que ajudaram a concretizar este trabalho. A todos, a nossa eterna gratidão.

"Lembrar é existir, perder a memória é desaparecer".

SUMÁRIO

PREFÁCIO

INTRODUÇÃO

I CAPÍTULO

1	O ensino superior em Patos _____	15
1.1	A Fundação Francisco Mascarenhas _____	15
1.2	O entrave para o reconhecimento dos cursos _____	16
1.3	A intervenção do Governo do Estado _____	17
1.4	Transferência dos cursos da Fundação para a UFPB _____	17
1.5	Edificações recebidas da FFM _____	18
2	O NUPEÁRIDO _____	19
3	A Convalidação _____	21
4	O primeiro vestibular _____	23
5	A criação do curso de Engenharia Florestal _____	25
6	O reconhecimento dos cursos de Medicina Veterinária e Engenharia Florestal _____	27
7	A criação do CSTR _____	29
8	A interiorização da UFPB _____	31
9	Corpo Docente nos anos 80 _____	33
10	A greve que fez história _____	35
11	Repasse dos recursos para o CAMPUS VII na década de 80 _____	39

II CAPÍTULO

12	O ensino superior em Campina Grande _____	41
12.1	A Escola Politécnica _____	41

13	A UFPPB _____	43
13.1	O reitorado de Lynaldo Cavalcanti _____	43
14	A idéia do desmembramento _____	45
15	A luta por melhorias trabalhistas _____	47
16	O desmembramento _____	49
17	Elaboração do Estatuto da UFCG _____	51
 III CAPÍTULO		
18	A expansão da UFCG _____	55
19	Novos Campi _____	57
20	O Campus de Patos _____	59
20.1	Repasso dos recursos orçamentários _____	60
20.2	A qualificação do corpo docente _____	60
21	Perspectivas para 2009 _____	61
22	Nossas "últimas" palavras _____	63
23	Referências bibliográficas _____	65
	Memórias _____	67

Prefácio

Campus de Patos: uma história que deu certo é um livro que merece toda a nossa atenção, tanto pela memória que resgata, com o intuito de transformar em história o que estava apenas na lembrança de algumas pessoas, como por se tratar de uma iniciativa de estudantes concluintes da graduação, que apenas estão dando seus primeiros passos, com a composição desse livro-reportagem, no mundo da produção acadêmica.

Em um périplo que tem início na década de trinta, ao se referir à criação do Ministério da Educação e Saúde, e término nos dias atuais, com menção ao Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI, as autoras seguem um movimento que não se prende a uma ordem cronológica, permitindo-se conduzir por um entrelaçamento de pensamentos e sentimentos que valorizam e reordenam os fatos que construíram a história que deu certo, no campus de Patos.

Sem seguir a velha e enfadonha fórmula de relatar fatos reais, desprovidos de ânimo, que proporcione vivacidade à narrativa, e revelando o cuidado preciso às investigações que objetivam a pesquisa de campo necessária à revelação de informações de vital importância para dar forma a um passado que começava a esmorecer na poeira do tempo, este modesto livro trata desde a chegada do ensino superior na Paraíba, em 1934, com a criação da Escola de Agronomia do Nordeste, na cidade de Areia, até a oferta de vagas do próximo processo seletivo, o qual definirá o novo perfil da Universidade Federal de Campina Grande, no campus de Patos.

Ao relacionar acontecimentos aparentemente desconexos, mas decisivamente interligados, as autoras dão vida e movimento a um discurso que assume a tarefa de reconstruir a história do campus de Patos, com todos os percalços encontrados por aqueles que se propuseram a realizar o trabalho de implantar e consolidar o ensino superior no sertão paraibano. Por esse motivo e para valorizar iniciativas corajosas como esta, **Campus de Patos: uma história que deu certo** é leitura que recomendo.

Thompson Fernandes Mariz

Introdução

“Há certas memórias que são como pedaços de gente, em que não podemos tocar sem algum gozo ou dor, mistura de que se fazem saudades.”

Machado de Assis

Arquivo é o setor responsável pela organização do conjunto de documentos, assegurando o registro de pessoas ou instituições num determinado tempo e lugar, podendo ser organizado de maneiras distintas, e conter informações de natureza diversa. Já a memória é a capacidade de reter idéias, impressões e todo o conhecimento adquirido sobre algo, são as lembranças remanescentes sobre algo ou alguém. Casando a memória das pessoas que participaram ou assistiram a criação e a estruturação da instituição com seu arquivo, é possível narrar sua existência e reafirmar o seu compromisso com o futuro.

Por isso, o livro-reportagem **Campus de Patos: uma história que deu certo** busca mostrar como o ensino superior de uma instituição federal chegou ao sertão da Paraíba, especificamente na cidade de Patos enfatizando o processo histórico desde sua fundação até os dias atuais.

O discurso materializa pensamentos e sentimentos, é efeito de sentido, e não apenas produtor de sentido. Existem razões para que ele exista mais do que isso, existe razões para que outro discurso não exista. A mesma ideologia que determina a evidência de um determina o ocultamento de outro. Sabemos que a construção de um bloco histórico hegemônico se dá de modo privilegiado no discurso. É por meio dele que se busca o consentimento e a adesão. É por meio do discurso, seja ele político, religioso, artístico, filosófico ou jornalístico, que as idéias hegemônicas ou predominantes de uma época ou de um grupo são cristalizadas. Foi através dos depoimentos dos ex-reitores, diretores e ex-diretores do Campus VII da Universidade Federal da Paraíba, agora pertencente à Universidade Federal de Campina Grande, que esse livro foi

produzido no intuito de escrever uma história que necessitava estar inscrita: a do Campus de Patos da UFCG.

É importante sempre perceber que o compromisso de se constituir a memória institucional da UFCG é responsabilidade de todos que fazem parte dessa instituição, porque uma universidade não surge do nada, ela é composta de pessoas, de eventos, de dificuldades, de esforços, e de algumas limitações, contudo ela existe; e tem significados e significâncias que divergem entre seus membros. Assim, esse trabalho torna-se importante para não apenas pesquisadores e historiadores, mas também para o público em geral, no intuito que percebam a importância que essa instituição teve e tem para o desenvolvimento da região.

Fábio Ronaldo da Silva

I CAPÍTULO

1 O ensino superior em Patos

1.1 A Fundação Francisco Mascarenhas

Em 1930, com o processo de industrialização e modernização do país, a educação passou a ganhar destaque no cenário brasileiro. Segundo Brum (1999), o primeiro passo foi a criação do Ministério da Educação e Saúde em novembro de 1930. Em 1931, foi elaborado o Estatuto das Universidades Brasileiras, que definia os critérios e as exigências para a criação de novas universidades que tivessem um compromisso com o ensino e a pesquisa. Em 1937, a Universidade do Rio de Janeiro se transformou em Universidade do Brasil, depois foi incorporada à Universidade do Distrito Federal, criada em 1935, e por iniciativa própria da elite paulista, em 1934, criou-se a Universidade de São Paulo.

Essas primeiras universidades tinham a preocupação básica de professores para o ensino secundário e superior. Outras universidades – federais ou estaduais – foram sendo criadas posteriormente, geralmente reunindo faculdades isoladas anteriormente existentes, situadas nas capitais dos estados (BRUM, 1999, p. 219).

Na Paraíba, a primeira universidade teve sua origem em 1934 na cidade de Areia com a criação da Escola de Agronomia do Nordeste. Em 1947, a capital João Pessoa fundou a Faculdade de Ciências Econômicas. “Vargas manteve-se fora e acima dessas disputas “[...] o regime autoritário militar impôs a sua orientação também no campo da educação” (BRUM, 1999, p. 219).

A década de 50 na Paraíba é registrada pelo aparecimento de várias escolas de nível superior. Em meio a essa expansão e ainda sob o Regime Militar, época marcada pela falta de democracia, censura e supressão de direitos constitucionais, José Gomes Alves¹ funda a primeira Escola de Ensino

¹“In Memoriam”

Superior na cidade de Patos, a Fundação Francisco Mascarenhas. Instituída no dia 1º de maio de 1964 e reconhecida pelo Decreto Estadual nº 3722 de 1973, a FFM concluiu sua primeira turma de Ciências Econômicas em dezembro de 1972.

A escola de Agronomia e Medicina Veterinária foi criada pela Lei Municipal nº 923 de 27 de novembro de 1970 para ministrar seus respectivos cursos. A manutenção e o funcionamento da escola foram assegurados pela Fundação Francisco Mascarenhas em convênio com a Prefeitura Municipal de Patos-PB, nos termos do artigo 1º, parágrafo único, e artigo 2º da Lei Municipal. A partir do segundo semestre de 1971, a escola começou a selecionar e admitir alunos, através de concurso vestibular. O Conselho Estadual da Paraíba em 15 de setembro de 1971, através da Resolução nº 43/71, concedeu autorização para o funcionamento da escola e no dia 09 de dezembro de 1974, o Diário Oficial da União publicou o Decreto nº 75.050 de 6 de dezembro de 1974 que autorizava o funcionamento da mesma.

Em 27 de fevereiro de 1976, através da Lei nº 1.116, a Prefeitura Municipal de Patos transferiu a escola para a Fundação Francisco Mascarenhas e com isto transferiu as suas responsabilidades pelo que acontecesse a partir daquela data.

1.2 O entrave para o reconhecimento dos cursos

Conforme a lei nº 363/80, por duas vezes, a Fundação Francisco Mascarenhas enviou parecer ao MEC no intuito de reconhecer os cursos de Agronomia e Medicina Veterinária. Ambos os pareceres foram contrários ao reconhecimento. O Conselheiro do MEC, José Carlos da Fonseca Milano, observou que as áreas não se ajustavam às necessidades dos cursos, o corpo docente, naquele momento, não estava qualificado, além da ausência de instalações compatíveis com os ensinamentos práticos.

1.3 A intervenção do Governo do Estado

Quando o Relator concluía pelo indeferimento do pedido de reconhecimento da Escola de Agronomia e Medicina Veterinária, a instituição deu entrada no Ofício FFM/10/79, em que solicitou a suspensão da análise final do pedido de reconhecimento alegando que havia promessa do novo Governador do Estado da Paraíba, Tarcísio de Miranda Burity, de intervir na situação visando recuperar os cursos, pois era de real intenção do Governo do Estado. Com a entrada desse pedido, por decisão unânime do Plenário, o pedido de reconhecimento foi indeferido suspendendo a realização de novos vestibulares até a regularização completa da escola.

O Governo do Estado da Paraíba, através de ofício no CG-116, de 26 de abril de 1979, assumiu o compromisso de oferecer toda ajuda financeira e pedagógica necessária ao atendimento das exigências do Conselho Federal de Educação. Diante do compromisso assumido pelo Governador, o Relator do parecer deu um prazo de 180 dias para que o Plano fosse executado.

1.4 Transferência dos cursos da Fundação para a UFPB

A Fundação Francisco Mascarenhas, em ofício de 18 de dezembro de 1979, solicitou que fosse aceita a proposta da UFPB e, conseqüentemente, a desativação dos cursos de Agronomia e Medicina Veterinária por ela mantidos. O Relator votou favoravelmente autorizando que a Universidade Federal da Paraíba tomasse as providências necessárias junto ao CCA, visando criar as condições para que os alunos dos cursos de Agronomia e Medicina Veterinária de Patos pudessem concluir seus estudos e receber o diploma.

O Conselho Federal de Educação decidiu pelo fechamento da Escola de Agronomia e Medicina Veterinária sem prejuízo de apuração de responsabilidades e verificação da real situação de outros cursos mantidos pela Fundação Francisco Mascarenhas.

1.5 Edificações recebidas da FFM

De acordo com relatório cedido pela diretoria do campus de Patos, a Universidade Federal da Paraíba recebeu as seguintes edificações da Fundação Francisco Mascarenhas: prédio de administração (contendo secretaria, diretoria, arquivo, sala de professores e sala de mimeógrafo); prédio de laboratório (4 salas para aulas práticas e almoxarifado); prédio de aulas teóricas I e II (somando 11 salas); prédio do Hospital Veterinário (com 2 salas de cirurgia e 1 sala de clínica); prédio de departamento (4 salas) e prédio da cantina (com 2 compartimentos).

A área física pertencia ao DNOCS e havia sido emprestada à Fundação para que funcionassem os cursos agrários. Como o DNOCS e a UFPB pertenciam ao Governo Federal, não houve entrave algum para que a UFPB ocupasse o espaço. O reitor da época, Berilo Borba, solicitou ao DNOCS a cessão em comodato, por cem anos, da área onde estava localizada a sede do Campus.

2 O NUPEÁRIDO

Aproveitando que Patos já tinha um Núcleo de Pesquisa para o Desenvolvimento do Trópico Semi-Árido (NUPEÁRIDO), criado em abril de 1979, onde havia uma equipe composta de pesquisadores e monitores, o reitor Lynaldo de Albuquerque Cavalcanti, vendo a situação insustentável que a Fundação estava passando e com uma visão ampla de um futuro promissor para a cidade, absorveu os cursos de Medicina Veterinária e Agronomia e o acordo proposto entre a Fundação Francisco Mascarenhas, o MEC e a reitoria da UFPB foi de que os cursos seriam doados e a Fundação teria os demais cursos reconhecidos. “O campus de Patos foi criado com o apoio do Governo do Estado e do MEC através da Secretaria da Educação do Ensino Superior” (CAVALCANTI, abril de 2008).

3 A Convalidação

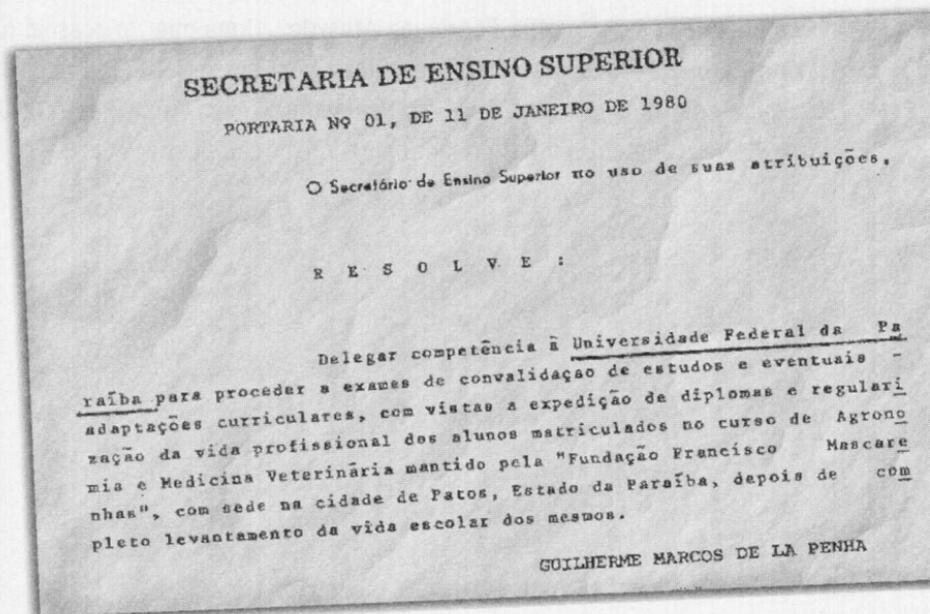


Fig. 01: Portaria da SES autorizando a UFPB a fazer a convalidação de estudos dos cursos da FFM.

No dia 26 de novembro de 1979, o Magnífico Reitor da Universidade Federal da Paraíba, Lynaldo Cavalcanti, pediu que o Conselho delegasse exames de convalidação com vistas à expedição de diplomas e regularização dos alunos matriculados e a UFPB se comprometeria em melhorar o nível qualitativo do ensino.

Por causa do entrave do reconhecimento dos cursos de Medicina Veterinária e Agronomia, os alunos que concluíam seus cursos pela FFM cobravam o diploma reconhecido. Para convalidar o diploma dos profissionais que concluíram pela Fundação Francisco Mascarenhas e não prejudicar as turmas remanescentes foi elaborado um projeto e feito um convênio com a Universidade Federal Rural de Pernambuco, pois era a Instituição mais próxima à cidade de Patos e que oferecia o curso de Medicina Veterinária.

Conseqüentemente a convalidação do curso Agronomia foi feita no Centro de Ciências Agrárias – CCA na cidade de Areia. A ex-aluna e atual vice-diretora do campus de Patos, Ana Célia Rodrigues Athayde, afirma que: “o pessoal que fazia Veterinária e foram transferidos para terminar o curso na UFPB tinham que ir fazer a convalidação dos cursos em Pernambuco e em Areia” (abril, 2008). Athayde, foi a primeira mulher formada pela UFPB no campus de Patos.

4 O primeiro vestibular

A Universidade Federal da Paraíba, além de receber a incumbência de dar continuidade na formação dos alunos que não haviam concluído seus cursos pela FFM, realizou seu primeiro vestibular em janeiro de 1980 para as 50 vagas anuais definidas pela instituição, com ingresso semestral inicial de 25 alunos. Conforme mostra tabela abaixo:

UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
EVOLUÇÃO DE DISCENTES - CAMPUS VII - PATOS-PB.

CURSOS	A L U N O S								TOTAL
	PERÍODO		PERÍODO		PERÍODO		PERÍODO		
	80.1	80.2	81.1	81.2	82.1	82.2	83.1	83.2	
Medicina Veterinária	25	25	43*	25	25	25	25	25	218
Engenharia Florestal	0	30	30	0	30	0	30	0	120
Sub-Total	25	55	73	25	55	25	55	25	-
Total Geral	80		98		80		80		338

* = 25 matriculados normalmente
12 remanescentes da Fundação Francisco Mascarenhas
06 transferidos de outras Escolas ou Cursos

Fig. 02: Evolução dos estudantes matriculados no campus VII e remanescentes da FFM.

5 A criação do curso de Engenharia Florestal

Como já existia o curso de Agronomia em Areia e o curso da Fundação havia sido absorvido, não era vantajoso que existissem dois cursos em uma mesma Universidade e foi elaborado, então, um projeto para que se criasse um curso dentro das Ciências Agrárias. O reitor Cavalcanti junto com o professor Silvestre Fernandez Vasquez optaram por Engenharia Florestal. Como afirma Cavalcanti, muitas pessoas não concordaram com a escolha do curso porque achavam uma ousadia criar Engenharia Florestal no semi-árido e começaram a criticá-lo:

Eu pensava muito pelo contrário, o curso era para ajudar a sustentabilidade, nada mais adequado para evitar a destruição da Caatinga do que ter pessoas competentes na área de Engenharia Ambiental (CAVALCANTI, abril, 2008).

Para o professor Bastos, foi muito mais complicado criar Engenharia Florestal do que Medicina Veterinária, pois não existia nenhum embrião da Florestal que se pudesse basear e aos poucos o professor Silvestre foi montando a estrutura de Engenharia Florestal.

6 O reconhecimento dos cursos de Medicina Veterinária e Engenharia Florestal

Em 30 de janeiro de 1985, a UFPB teve o parecer favorável ao reconhecimento do curso de Medicina Veterinária, pelo relator João Paulo do Valle Mendes. O reconhecimento do curso de Engenharia Florestal foi publicado no Diário Oficial no dia 30 de junho de 1986.

Segundo o atual diretor do campus de Patos, Paulo Bastos, o Centro de Saúde e Tecnologia Rural -CSTR deveria ser chamado de Centro de Ciências Agrárias.

Era o mais próprio, perto de Ciências Agrárias, naquela época não se imaginava que iríamos criar cursos na área da saúde e criamos Ciências Biológicas e a partir de 2009 estaremos com o curso de Odontologia, não vamos precisar mudar o nome do centro, continuará Centro de Saúde e Tecnologia Rural (BASTOS, abril, 2008).

No entanto o Centro seria homônimo ao Centro de Ciências Agrárias de Areia. Como Medicina Veterinária é da área de agrária, mas tem uma relação com a saúde e a Engenharia Florestal com a tecnologia, surgiu a idéia do CSTR.

7 A criação do CSTR

O campus VII em Patos ficou vinculado ao Centro de Ciências Agrárias na cidade de Areia até a criação do Centro de Saúde e Tecnologia Rural – CSTR, em 11 de novembro de 1984. Após a criação do CSTR e conseqüentemente a separação do Centro Ciências Agrárias de Areia a comunidade acadêmica, professores, alunos e funcionários, sentiram a necessidade de eleger o Diretor de Centro e foi realizada a primeira eleição. O primeiro diretor eleito do Centro de Saúde e Tecnologia Rural foi o professor aposentado, Francisco de Medeiros.

8 A interiorização da UFPB

Na década de 70, devido à expansão do ensino superior no Brasil e a federalização de algumas universidades na Paraíba, houve uma preocupação do reitor da UFPB, Lynaldo Cavalcanti, em oferecer o ensino superior para outras regiões, além da capital. Apesar de já existir o curso de Agronomia na cidade de Areia, havia uma centralização do ensino superior em João Pessoa e aliado ao aumento da população, a procura das pessoas em fazer um curso superior ocasionou uma demanda por vagas.

A partir da década de 80, com a implantação do curso superior em Cajazeiras, Sousa e Patos, as ações de implementação do ensino superior se intensificaram, caracterizando uma interiorização. Conseqüentemente o reitor da UFPB, Lynaldo Cavalcanti, cria o sistema *multicampi*² assumindo o ensino superior no território paraibano. Esse sistema foi a forma encontrada para resolver a questão da dimensão territorial do Estado e para a população paraibana ter alcance ao serviço de educação superior e exercer o papel fundamental de contribuir para o desenvolvimento da região. Para o reitor Cavalcanti, "só através do fortalecimento dos campi existentes e a expansão foi possível ampliar o número de cursos, de alunos e de professores" (abril, 2008).

A regionalização da educação superior, definida pela UFPB, tinha como meta levar a interiorização e o desenvolvimento deste serviço para cada região de acordo com sua vocação.

² O sistema multicampi tem como característica a estrutura organizacional e administrativa centralizada num determinado local e, a partir dessa estrutura são oferecidos cursos em diversas áreas de uma região.

9 Corpo Docente nos anos 80

Quando os cursos da Fundação Francisco Mascarenhas foram incorporados pela Universidade Federal da Paraíba, poucos professores que lecionavam na Fundação continuaram formando o corpo docente, devido a baixa qualificação da maioria dos docentes serem recém-formados e não possuem nenhuma experiência de magistério.

Depois dos cursos federalizados a demanda cresceu e uma comissão formada pelo Conselho do Centro de Areia ficou responsável de fazer seleção através de currículo, em que foram contratados novos professores, inclusive pessoas de outras regiões que estavam voltando do doutorado para Campina Grande e para Areia foram deslocadas para Patos. Alguns que estavam terminando a pós-graduação no exterior e tinham assuntos relevantes para o semi-árido também foram transferidos.

Conforme o quadro abaixo, em 1982, a qualificação docente do campus de Patos era em sua maioria de graduados.



No entanto havia uma preocupação da instituição em qualificar os professores liberando-os para fazerem seus mestrados, como mostra o gráfico.

10 A greve que fez história

A década de 80 foi marcada pelos diversos movimentos grevistas, fossem eles realizados nos sindicatos, bairros, pelos trabalhadores, estudantes, etc, tempos de luta nas ruas pela reabertura democrática, pela luta social e, o povo mostrou que o movimento era capaz de mobilizar e organizar a massa independente de onde acontecesse. Foi um momento alto contra as injustiças, a exploração e a ausência de liberdade.

Os alunos de Patos entraram em greve porque reivindicavam melhores estruturas, construção do Hospital Veterinário, residência universitária e laboratórios.

Quando o professor Berilo Ramos Borba assumiu a Reitoria em 05 de setembro de 1980, a UFPB encontrava-se numa greve geral, incluindo professores e alunos, que já durava oitenta e quatro dias.

Meu primeiro embate com esses segmentos se deu na hora da “transmissão de cargo” no salão nobre do Hotel Tambaú onde se realizava a solenidade que foi literalmente interrompida pela “trupe” dos grevistas que adentrou ao recinto bramindo “gritos de guerra” e portando faixas e cartazes, atitudes pouco amistosas, que levaram muitos dos convidados presentes à solenidade, se retirassem do recinto, temendo que acontecesse o pior (BORBA, abril 2008).³

A Universidade Federal da Paraíba, com sede em João Pessoa, estava passando por uma profunda crise agravada pela renúncia prematura do Reitor Milton Paiva, que segundo Borba, foi marcada por problemas de ordem econômica, política e social decorrentes do desmoronamento do sistema de governo autoritário que vigia no país na época. Havia uma idéia de que a UFPB tinha se tomado inadministrável porque o recurso orçamentário de custeio e capital foi gradativamente diminuído e essa redução dos recursos aconteceu no

³ Grifos do próprio entrevistado

momento em que a UFPB mais tinha crescido e havia uma grande efervescência político-social resultante do desejo de maior liberdade e democracia e da exasperação, causada pela demora na abertura democrática lenta e gradual imposta no auge do Regime Militar de 64.

Para conter a situação, Borba precisou mostrar que a UFPB era a terceira universidade federal em tamanho e a única multicampi no Brasil. E o trabalho, segundo ele, foi motivado por dois eixos principais. Primeiramente foi preciso comprovar para o MEC que o orçamento da UFPB encontrava-se profundamente defasado e mostrar que uma universidade, que estava expandida em sete campi, concebia uma despesa em termos de custeio e capital muito maior do que uma universidade grande concentrada em um só campus. “Era importante ‘apagar’ no MEC a impressão de que os recursos orçamentários da UFPB eram mal administrados” (BORBA, março, 2008).

Para facilitar a tarefa de convencimento, foram necessárias várias horas de entrevista com os diversos setores da Administração Pública Federal e do MEC. O Secretário Geral do MEC, Coronel Pasqualli, veio à Paraíba e visitou a UFPB de Cajazeiras a João Pessoa, reunindo-se com professores e representantes dos alunos e observando as instalações físicas, equipamentos e laboratórios de cada campus. Na década de 80, apesar do arrocho orçamentário imposto ao país pelo Ministro Delfim Neto, o orçamento da UFPB foi elevado um pouco mais, passando do sétimo lugar para um quarto lugar entre as universidades federais. Outro eixo de trabalho foi buscar recursos de outras agências financiadoras para a UFPB.

Em meio a toda essa luta, em Patos a situação não estava diferente. No entanto, nem o pulso forte do professor José Lenilton de Carvalho⁴, nem o interesse de alguns professores em assumir a direção do campus seriam fatores determinantes para provocar um movimento grevista de tão longo tempo, seis meses. Porém a precariedade da infra-estrutura recebida pela Fundação era muito grande, faltavam laboratórios, equipamentos, residência universitária, restaurante universitário. Esses fatores levaram os estudantes a protestarem pela melhoria de condições e sustentarem a maior greve feita pelos estudantes

⁴ Professor aposentado pela UFPB e primeiro coordenador do campus VII

que o campus de Patos já viu.

O problema maior era a pressão desses técnicos agrônomos e veterinários formados pela Francisco Mascarenhas [...] como eu era de Areia eles me tinham como forasteiro (CARVALHO, março, 2008).

Para que a greve chegasse ao fim houve uma mobilização da sociedade e o professor Lenilton se afastou da coordenação do campus para que, assim, voltasse à sua normalidade.

Nós éramos alunos pioneiros, então a gente sofreu bastante porque o curso ainda estava sendo instalando, a infra-estrutura era precária, o número de professores não era suficiente, não tínhamos aulas práticas (ATHAYDE, abril, 2008).

Com o movimento grevista as reivindicações feitas foram atendidas e então o professor Francisco Medeiros substituiu Lenilton, assumindo a coordenação do campus até a realização da primeira eleição para diretor do CSTR.

11 Repasse dos recursos para o CAMPUS VII na década de 80

Na época em que administrei a UFPB, cada universidade federal dispunha de um apertado orçamento cujo dinheiro nele previsto era repassado à universidade para ser por ela administrado (BORBA, abril, 2008).

O dinheiro que a reitoria da UFPB mandava para o campus VII em Patos era dividido com o Hospital Veterinário. O orçamento era feito através de informações coletadas e então se projetava o que iria para o campus. Como o valor era limitado houve reivindicações da coordenação dos cursos e o Hospital Veterinário passou a receber verba diretamente da reitoria.

Um tempo depois os campi passaram a aprovar o orçamento nos seus centros e era enviado um relatório para o MEC. Segundo o professor Ernande Arante Leite, nem sempre o MEC aprovava o que era pedido, sempre havia corte e para cessar as brigas foram criadas matrizes e cada centro sabia quanto iria receber. O campus VII driblava a dificuldade financeira arrecadando fundos através da realização de leilões de gado e produção de mudas para projetos de reflorestamento.

Todavia, para que o campus VII pudesse ser realidade, muita coisa aconteceu no tocante ao ensino superior nas cidades de Campina Grande e João Pessoa, como veremos no próximo capítulo.

II CAPÍTULO

12 O ensino superior em Campina Grande

12.1 A Escola Politécnica

Em 1952 um grupo de professores e intelectuais criaram na cidade de Campina Grande a Escola Politécnica de caráter técnico-científico, com o curso de Engenharia Civil. Segundo SILVA & MONTENEGRO (p.48, 2007), a POLI foi constituída pela a Lei n° 792, no governo de José Américo de Almeida no ano de 1952 e seu funcionamento só foi autorizado em 14 de julho de 1953, através do Decreto Federal de número 33.286, aprovado pelo presidente Getúlio Vargas. O primeiro vestibular da Politécnica ocorreu em 1954, e o reconhecimento do primeiro curso, em outubro de 1958.

O que se pode perceber é que o maelabarismo empreendido pelos fundadores obteve êxito em sua tentativa de manter a proposta de uma escola técnica de nível superior, com a criação de um curso de Engenharia Civil e a realização do ideal de progresso que desejavam para a cidade de Campina Grande (SILVA & MONTENEGRO, 2007, p.49).

A criação da Escola Politécnica em Campina Grande surgiu da necessidade de mudança diante da desigualdade social pela qual passava a cidade, e estava sendo uma experiência de um novo empreendimento feito por empresários para a implantação de uma escola técnica, mas com nível superior na cidade.

⁵Sob a direção do Engenheiro e Professor Antônio da Silva Moraes, a instalação da Escola Politécnica na cidade foi um problema. De início, ela foi instalada no Colégio Estadual de Campina Grande em 1954 (atual Escola Estadual de Ensino Médio Dr. Elpidio de Almeida); em 1957 foi transferida para o antigo prédio do Colégio Solon de Lucena (Prédio onde funciona a atual Reitoria da UEPB); e em 1961, foi transferida para o bairro de Bodocongó, onde foi construída sua sede definitiva, local onde permanece até os dias atuais, agora como Universidade Federal de Campina Grande. SILVA & MONTENEGRO (p. 48, 2007)

13 A UFPB

No dia 02 de dezembro de 1955, o então governador da Paraíba, José Américo de Almeida, criou a Universidade da Paraíba incorporando algumas faculdades que existiam em João Pessoa e em Campina Grande, formando assim a Universidade Federal da Paraíba, com isso a escola Politécnica e a Faculdade de Ciências Econômicas criando o campus II de Campina Grande. Cinco anos depois, em 12 de dezembro de 1960, por influência de Abelardo Jurema que era Ministro da Justiça do governo João Goulart, a Universidade Estadual da Paraíba foi federalizada se transformando em Universidade Federal da Paraíba tendo a capital, João Pessoa, como a sede dos campi que incluía os campus de Campina Grande e a Escola de Agronomia do Nordeste, em Areia. O colégio agrícola Vidal de Negreiros da cidade de Bananeiras era também vinculado ao Ministério da Agricultura, sendo, portanto desvinculado e incorporado à Universidade Federal da Paraíba, constituindo-se assim o campus IV em Bananeiras, o campus III em Areia, II em Campina Grande e I na sede de João Pessoa.

13.1 O reitorado de Lynaldo Cavalcanti

O professor Lynaldo Cavalcanti assumiu o reitorado da Universidade Federal da Paraíba em 1976 em um processo de expansão incentivado pelo governo Geisel.

Em 1972 fui para Brasília para ser o Secretário Adjunto do Ensino Superior convidado pelo professor Antonio de Souza, permaneci quatro anos nessa função, eu tinha uma conexão, um relacionamento forte no MEC, principalmente com o primeiro Ministro da Educação Manoel Vargas, manifestei interesse em concorrer a lista cívica de reitor. Manoel Vargas me assegurou o apoio, fui nomeado e em dezembro de 1975, fui para Campina Grande em fevereiro de 76 e reitor até 1980 (CAVALCANTI, abril, 2008).

O professor Lynaldo Cavalcanti, como Reitor, segundo depoimento, tinha como obstinação durante os 1460 dias de seu mandato desenvolver e ajudar na interiorização da Universidade através do fortalecimento do Campus de Areia, Bananeiras em expansão e Campina Grande, foi possível ampliar muito o número de cursos, de alunos e de professores, além de desenvolver estruturalmente os "campi". Lynaldo então incorporou a Faculdade de Filosofia e Letras de Cajazeiras à UFPB e aí se constituiu o campus V. Depois a Faculdade de Direito de Sousa, que era particular e vinculada ao município, criada pelo então deputado federal Antonio Mariz, foi federalizada e transformou-se no campus VI da Universidade Federal da Paraíba. Em Patos, existia o curso de Agronomia e de Medicina Veterinária oferecidos pela Fundação Francisco Mascarenhas e foi, também, federalizado surgindo o campus VII da UFPB.

14 A idéia do desmembramento

Na década de 90, o desejo de realizar o desmembramento aumentou. Na verdade esse era um processo já visto nos tempos antigos, em que o reitor da época Lynaldo Cavalcanti teria encaminhado um projeto sobre o desmembramento para o Ministério da Educação nos anos de 1969, um documento que nunca teria sido prosperado por motivos políticos.

Para que o desmembramento fosse satisfatório a todos os campi, a Universidade buscou alternativas. No reitorado do professor Neroaldo Pontes, no ano de 1991, foi feita uma comissão constituída pelo Conselho Universitário para discutir se em cada um dos campi aceitavam ou não o desmembramento de Campina Grande para ser transformada em Universidade e todos aceitaram. Com a decisão, foi enviado um projeto de Lei Nacional pelo Conselho Universitário que pedia a origem do desmembramento. Entretanto, esse projeto ficou adormecido por algum tempo.

15 A luta por melhorias trabalhistas

Na mesma época professores, funcionários e políticos sentiam o desejo que as universidades se separassem, a comunidade acadêmica sentia, também, um forte desejo: o de criar suas associações.

O Sindicato dos Trabalhadores em Ensino Superior da Paraíba (SINTESPB-Patos) foi criado em setembro de 1990 e teve à sua frente duas diretorias eleitas. Atualmente, o Sindicato tem como o Coordenador Geral, Manoel Alves de Souza, mais conhecido como Huck; Amintas (vice-coordenador); Maria de Lourdes (coordenadora de política social); Macário (coordenador da saúde); Maria Célia (coordenadora de comunicação) e Vera (coordenadora de administração e patrimônio).

O Sindicato dos Funcionários da UFCG no campus de Patos tem 100% dos servidores associados.

No ano seguinte, em 10 de abril de 1991, foi criada a Associação dos Docentes da Universidade Federal – Seção Sindical de Patos (ADUFPB-Patos), conhecida como “a sertaneja de luta”.

A primeira reunião para a criação da ADUFPB-Patos aconteceu em uma sala de aula com a presença de 34 professores. O sindicato nasceu para lutar pela autonomia, direitos e reivindicações, não só salariais, mas também morais.

Pela Secretaria da ADUFPB-Patos, passaram dez diretorias. Atualmente o Sindicato é dirigido por Prof. Edisio Oliveira de Azevedo, como presidente, e uma equipe formada por: Ednaldo Queiroga de Lima (vice-presidente), Maria Edilene Rodrigues (1ª Tesoureira), Almir Pereira de Souza (2º Tesoureiro), Carlos Roberto de Lima (1º Secretário), Patrícia Araújo Brandão (2ª Secretária) e Jacob Silva Souto (Diretor de Comunicação e Cultura).

16 O desmembramento

Em meio a tanto desejos, em 2001, Aécio Neves assumiu a Presidência do Congresso e tinha interesse na criação, não só da Universidade de Campina Grande, mas a criação da Universidade de São João Del Rei e Itajubá. Aproveitando o momento oportuno, e para que esse projeto fosse realmente encaminhado, o então Presidente da República Itamar Franco, presidente na época, *impôs que teria que ser da forma que o Conselho estava propondo*, então Campina Grande se rendeu pela vontade que tinha de se desmembrar da UFPB e afirmou que os campi de Patos, Sousa e Cajazeiras ficariam em custódia da UFCG.

Eu já enxergava, naquela época, que essa estrutura era desvinculada da Universidade Federal da Paraíba e certamente ela deslancharia com uma desenvoltura muito maior e nós pegaríamos essa carona. Eu tinha essa compreensão e era favorável ao desmembramento, era favorável que o Campus de Patos funcionasse junto com o Campus de Campina Grande, mas é claro, como democrático, eu tive que me render à opinião da maioria (BASTOS, abril, 2008).

Decorrente à expansão da Universidade Federal da Paraíba, a cidade de Campina Grande começou a ser um dos campi de qualificação de professores e, em seqüência, de criação dos melhores cursos de graduação e de pós-graduação se fortalecendo academicamente, o que a fez ficar conhecida como um dos pólos educacionais de maior centro de Engenharia do Norte/Nordeste/Centro-oeste brasileiro.

Outro motivo também foi questionado, havia um tipo de divisão entre a Universidade “úmida” (João Pessoa, Areia e Bananeira), e a “seca” (Campina Grande, Patos, Sousa e Cajazeiras) que segundo o reitor Thompson Mariz: “a pró-reitoria do interior não dava importância aos campi as quais ela supervisionada” e esse tipo de divisão fez com que Campina Grande se interessasse

ainda mais pelo que eles já vinham lutando a tempos: o desmembramento. Os campi do interior temiam que o desmembramento prosperasse, mas aceitaram que o mesmo acontecesse, desde que, Campina Grande ficasse sozinha.

17 Elaboração do Estatuto da UFCG

O Professor Paulo Bastos, atual Diretor do CSTR em Patos, participou junto com o então reitor Thompson Mariz da comissão que foi designada pela UFPB para a criação do documento sobre o Desmembramento. Essa comissão do Conselho Universitário⁶ teve a seguinte configuração: Presidente, vice-presidente, um representante da pró-reitoria do interior, um representante de Campina Grande (prof. Thompson Mariz), um representante do interior (prof. Paulo Bastos que ao mesmo tempo assumia a direção do CSTR), um representante dos diretores de João Pessoa, e um representante dos diretores do Brejo.

Efetivando a implantação da estrutura organizacional da separação, Thompson Mariz ficou sendo o reitor pró-tempore provido pelo Ministro de Estado da Educação, passando a integrar a UFCG todos os cursos oferecidos nos campi de Campina Grande, Patos, Sousa e Cajazeiras. Campina Grande oferecia 21 cursos de graduação, em Patos havia 2, em Sousa 1 e em Cajazeiras 5, um total de 29 cursos.

Eu achava um mastodonte, sempre fui a favor do desmembramento, e quando assumi a federal de Campina Grande, nós imprimimos um ritmo diferente de administração. Eu estava no lugar certo na hora certa (MARIZ, abril, 2008).

A Universidade Federal de Campina Grande passou por um período de transição para construir um perfil particular, respeitando o desmembramento de que é fruto, passando a planejar a consolidação de sua nova feição, elaborando

⁶ No dia 30 de março de 1994, os diretores, vice-diretores do Campus II e o pró-reitor e pró-reitor adjunto da pró-reitoria para assuntos do interior da UFPB, comunicaram através de uma "CARTA" dirigida pelo Reitor suas posições favoráveis à criação da UFCG, a partir de uma discussão ampliada, e a criação de uma comissão técnica formada pelos professores Thompson Mariz, Jurandir A. Xavier, Vilma Lúcia F. Mendoza e José de Arimatéa M. de Lucena, que teriam a função de elaborar um projeto para a discussão junto à Universidade. Ao mesmo tempo solicitavam que os conselhos superiores da UFPB encaminhassem o que havia sido decidido ao Conselho Universitário (CONSUNI).

seu Plano de Desenvolvimento Institucional com o compromisso de manter a qualidade dos serviços que iria prestar à comunidade regional.

A criação da UFCG, em 2002, veio dar um novo impulso à interiorização do Ensino Superior no Estado. Neste sentido, a UFCG tem uma missão a cumprir, dando continuidade histórica ao seu modelo multicampi e indo ao encontro das aspirações de educação, desenvolvimento e cidadania do povo do interior do Estado e da região.

Desde sua origem, os campi que integram a UFCG construíram uma tradição de excelência acadêmica que coloca esta universidade como referência nacional na educação superior pública, atuando nas áreas de saúde e humanas buscando contribuir com mudanças sociais, econômicas, políticas e culturais positivas para a região as quais as instituições estão inseridas. O Campus de Patos, por exemplo, conquistou a sua importância e sua referência depois do desmembramento, em ter se destacado como um todo no seu potencial, tornando-se um Campus diferente não sendo só o Campus VII, mas sim o Campus de Patos da UFCG.

A separação que deveria ter acontecido na década de 90, ocasião em que o professor Lynaldo Cavalcanti havia pedido a separação do Campus II (Campina Grande) e do Campus I (João Pessoa), só viria a acontecer em 2002, com a ajuda do Senador Ronaldo Cunha Lima que pediu ao Presidente Fernando Henrique, o desengavetamento do projeto e o mesmo foi enviado para o Congresso para ser aprovado.

Um dos defensores do projeto para o desmembramento foi o professor e, atual reitor, Thompson Mariz, nomeado, em maio de 2002, reitor da UFCG. Na época, houve uma interferência política para a nomeação do reitorado, mas a UFPB aprovou a nomeação do referido professor. Esse documento foi enviado para o Ministro da Educação, Paulo Renato, e Mariz foi nomeado como reitor pró-tempore da Universidade Federal de Campina Grande, que acabava de ser desmembrada. Na época a situação mais favorável era a de que o prof. Alexandre Gama assumisse o cargo de reitor na eleição e o prof. Fábio de Freitas Pereira seria o vice-reitor.

Assim como Lynaldo Cavalcanti e Thompson Mariz sentiam a

necessidade do desmembramento, professor Neroaldo Pontes também era um dos que sistematicamente se envolvia com a situação dos campi e sempre estava presente em todos os problemas. O então Reitor da Universidade Federal de Campina Grande, Thompson Mariz, teve um papel fundamental para que o desmembramento fosse encaminhado. Após isso, foi elevado a um cargo de reitor, sendo eleito pelos votos dos campi do interior. O seu nome foi escolhido pelo conselho universitário de forma consensual para a criação da Universidade.

III CAPÍTULO

18 A expansão da UFCG

A Universidade Federal de Campina Grande foi criada pela Lei 10.419 do dia 09 de abril de 2002 através do desmembramento da Universidade Federal da Paraíba, e nasceu como uma das mais importantes instituições federais de ensino superior das regiões norte/nordeste do país.

Segundo Thompson Fernandes Mariz, atual reitor da UFCG, os professores começaram a produzir pesquisas e surgiram os cursos de pós-graduação, mas a questão que contribuiu bastante para que houvesse o desmembramento foi o orçamento que ficava quase todo ligado à capital.

Não dava para conviver com João Pessoa, tudo quanto vinha para Universidade Federal da Paraíba basicamente ficava em João Pessoa e quanto aos professores dos 6 outros campi, muitas vezes não tinham infra-estrutura de pesquisa então o que acontecia? eles iam para João Pessoa com a alegação que João Pessoa eles tinham um apoio (MARIZ, abril de 2008).

Em 1973, a partir do processo de desenvolvimento educacional e tecnológico, na área de computação e informática, a instituição sentiu a necessidade de instalar cursos de formação técnica em nível superior para a sociedade de Campina Grande e circunvizinhança. No mesmo ano, em função da carência da sociedade por profissionais qualificados nestas áreas foi criado o Curso de Formação de Técnicos de Nível Superior em Processamento de Dados da UFPB.

A UFCG tem sua sede na cidade de Campina Grande, localizada na região agreste do estado da Paraíba. A instituição se destaca por ser a primeira Universidade Federal do interior nordestino e possuir centros tecnológicos de excelência; tendo todas as condições para qualificar a mão-de-obra e atender as demandas da indústria, serviços, setor público, estadual e municipal, contribuindo assim com o progresso da região.

Depois foram criados os campi de Pombal e Cuité, totalizando, a instituição possui 49 cursos de graduação distribuídos entre os centros na cidade de Campina Grande: Centro de Ciências e Tecnologia (CCT); Centro de Engenharia Elétrica e Informática (CEEI); Centro de Humanidades (CH) e o Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS). Em Patos está o Centro de Saúde e Tecnologia rural (CSTR); em Cajazeiras, o Centro de Formação de Professores (CFP); em Souza está o Centro de Ciências Jurídicas e Sociais (CCJS); em Cuité com o Centro de Educação e Saúde (CES) e em Pombal com o Centro de Ciências e Tecnologia Agroalimentar (CCTA).

Além dos cursos de graduação que proporcionam o conhecimento em várias áreas e estabelecem um amplo processo educacional, a instituição possui cursos de pós-graduação: 17 cursos de mestrado e 9 de doutorado. Diante desta estrutura, podemos afirmar que a Universidade Federal de Campina Grande atende a uma organização diversificada e possui uma estrutura complexa com alunos bem direcionados para o mercado de trabalho.

20 O Campus de Patos

O Centro de Saúde e Tecnologia Rural (CSTR) destaca-se como pólo educacional e tem como principal objetivo desenvolver estruturalmente a educação na cidade de Patos. Segundo o diretor de centro, Paulo Bastos, a estrutura ampla e diversificada se renova a cada ano.

O Campus de Patos na graduação conta com os cursos de Engenharia Florestal (1986), Medicina Veterinária (1985) e Ciências Biológicas. O Campus tem como principal objetivo o desenvolvimento estrutural e educacional da e na cidade.

O Curso de Medicina Veterinária estabelece como principal meta formar médicos veterinários atuando como profissionais nas áreas de clínica e extensão, visando não apenas a boa saúde, mas o bem estar social. O Curso de Engenharia Florestal pretende formar profissionais atuantes na área de ciências florestais e capacitá-los para a utilização dos recursos naturais. Pretendendo também solucionar os problemas existentes na área florestal, e com isso obter um enfoque na região nordestina, privilegiando a região do semi-árido.

O Campus passa, atualmente, por um processo de modernização em sua estrutura. O reitor da UFCG inaugurou no dia 13 de abril uma nova central de aulas beneficiando alunos dos cursos de Engenharia Florestal, Medicina Veterinária e Ciências Biológicas. Outras obras estão sendo construídas a exemplo da biblioteca, do ginásio e dos ambientes administrativos. "Para quem esteve em Patos há 3 anos atrás e chegar agora vai tomar um susto e isso que nós fizemos não tem só ação do reitor, é ação também dos diretores locais, do professor Paulo Bastos, da professora Ana Célia" (MARIZ, abril, 2008).

O Diretor de Centro Paulo Bastos afirma que possivelmente será disponibilizado um projeto para o Campus de Sumé, que contará com seis cursos: uma unidade de educação e outra de tecnologia de educação, ou seja, seis cursos em Sumé, quatro em Itaporanga, e quatro em Itabaiana, portanto serão quatorze cursos.

20.1 Repasse dos recursos orçamentários

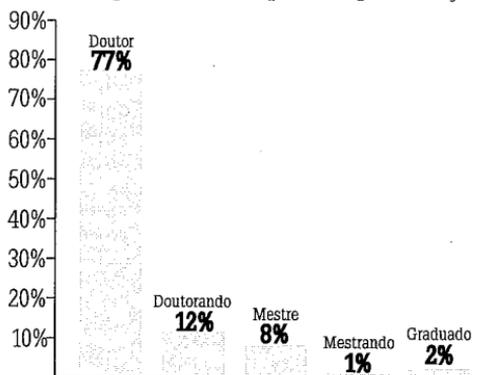
Segundo o diretor do campus, a Instituição patoense recebe para a manutenção dos cursos um valor em torno de 150 mil reais. As verbas para o Hospital Veterinário chegam aproximadamente a 50 mil, 130 mil reais para o restaurante, 100 mil para manutenção do campus e 70 mil para combustível e recurso de custeio.

Os recursos de investimento, que nós não tínhamos nesses últimos dois anos, tiveram novamente a sorte e o privilégio de estar no canto certo na hora certa. Recentemente adquirimos três veículos novos, um micro-ônibus, uma caminhonete e um Meriva. Foi, aproximadamente, 310 mil reais investido com veículos novos, operamos toda a frota e os veículos velhos foram todos recuperados (BASTOS, abril de 2008).

Ainda segundo o diretor, “o volume de investimento nos últimos dois anos passou folgadoamente dos 2 milhões de reais no ano de 2007, e no últimos dez anos, nós crescemos muito mais do que vinte e tantos anos de Universidade Federal da Paraíba” (BASTOS, abril, 2008).

20.2 A qualificação do corpo docente

Como podemos observar, o campus de Patos conta com um corpo docente que se destaca por sua qualificação:



21 Perspectivas para 2009

O CSTR, na graduação, cria mais dois cursos: Odontologia em 2009, embora o vestibular seja feito em novembro/ dezembro de 2008; e, em 2010, o curso de Zootecnia, fechando a área de ciências agrárias e ciências biológicas com o curso diurno, em 2009 (MARIZ, abril, 2008).

A comunidade patoense esperava ansiosa outro curso na área da saúde, além de Medicina Veterinária, e será beneficiada em 2009 com o curso de Odontologia, já com o vestibular previsto para acontecer este ano. Além dos três cursos de pós-graduação em nível de mestrado, dois pedidos para o programa de doutorado foram encaminhados para a reitoria.

Novas construções estão orçadas em 2 milhões e 400 mil reais, com a implantação dos novos cursos: odontologia e zootecnia, conclusão da biblioteca central, uma nova central de aulas e equipamentos para as novas estruturas (BASTOS, abril, 2008).

A Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) tem como meta, elevar a taxa de conclusão média dos cursos de graduação e colocar em destaque um modelo único para as universidades federais, estabelecendo um reconhecimento não apenas nacional, mas também internacional por meio da prática de desenvolver a educação.

Para Mariz, "o projeto de reestruturação e expansão das universidades brasileiras vem para modernizar ainda mais a instituição. Muito mais do que está sendo feito hoje vai ser feito em um futuro muito breve".

Os projetos das Instituições que foram apresentados ao REUNI passarão por uma avaliação em função das exigências que o projeto institui, pois o exame tenta orientar e esclarecer as Universidades que desejam participar que sua implementação seja fundamentada nos princípios da adesão.

Segundo o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI), a proposta de expansão da UFCG está fundamentada na necessidade de aumento de vagas

públicas do ensino superior na Paraíba. Conceitualmente, esta proposta foi elaborada com base em dados estatísticos do IBGE e em análise do desempenho e potencialidades desta Instituição. Já a tarefa de repensar a estrutura acadêmica, visando à busca de uma taxa de 90% de conclusão, está orientada em duas direções: revisar os métodos de ensino de modo a dividir essa ênfase com as várias formas de estudo; e reestruturar a gestão dos cursos de graduação de modo a redefinir currículos a partir da revisão de idéias, já de muito sedimentadas, como as noções de pré-requisito e de obrigatoriedade, em busca de itinerários formativos menos verticais e, portanto, mais laterais ou mesmo transversais.

É com esta compreensão, traduzida nas vagas, nos cursos e nos novos campi, que a UFCG enfrenta o planejamento de ações rumo à ampliação do acesso e à elevação na qualidade dos serviços que oferece à população estudantil que a procura.

22 Nossas “últimas” palavras

Esse livro foi produzido a partir da lacuna que encontramos no tocante à falta de uma documentação que pudesse mostrar à sociedade, patoense ou não, um pouco sobre a história do campus de Patos que trouxe para a cidade, desde o momento de sua criação, avanços nos campos educacional, social e econômico.

Ao longo do processo para a construção desta obra, tivemos a oportunidade de conversar com pessoas que foram de extrema importância para a construção do nosso sonho, pessoas que não nos conheciam, mas que se dispuseram a nos ajudar, confiaram e ajudaram a concretizar o nosso trabalho.

A ação de pesquisar através do contato com os seres humanos resulta na possibilidade de produção de materiais fabulosos, que exigem tratamentos e destinos apropriados, como uma condição para assegurar a seriedade e a continuidade do trabalho realizado em campo e por extensão, do nosso ofício (Montysuma, p. 117, junho 2006).

Trabalhamos muito com a memória das pessoas e esse contato nos fez refletir que seria através da lembrança que construiríamos a base comum para o processo de desenvolvimento da nossa história. Paramos de tratar os fatos sociais como coisas e passamos a transformá-los em coisas. Coisas concretas, sólidas e vivas.

A chegada do campus da UFPB na cidade de Patos contribuiu de forma sistemática com o desenvolvimento regional, sendo de vital importância para o diagnóstico da realidade e do desenvolvimento de ações voltadas aos graves problemas que afetam a região decorrente das características climáticas e sócio-econômicas.

Acreditamos que o desmembramento da UFPB e a criação da UFCG contribuíram para que a cidade de Patos ganhasse um maior destaque em todos os segmentos. Principalmente no campo educacional e econômico. Não temos

dúvida alguma de que a economia da cidade se dá e muito por seus estudantes que saem de várias cidades e estados à procura de realizarem um sonho.

O campus de Patos construiu e está construindo a sua história e temos certeza de que ele propõe soluções para os graves problemas que o semi-árido enfrenta, formando profissionais capacitados para a realidade regional e nacional.

23 Referências bibliográficas

- BRUM, Argemiro Jacob. O Desenvolvimento Econômico Brasileiro. Vozes, 1999.
- PDI Plano de Desenvolvimento Institucional elaborado pela UFCG, 2008.
- MONTYSUMA, Marcos Fábio Freire. Um Encontro com as fontes em História Oral. Artigo publicado em periódico, 2006.
- SILVA, Fábio Ronaldo & MONTENEGRO, Rosilene Dias. A Escola Politécnica de Campina Grande pelo Diário da Borborema: Uma análise de discurs. Campina Grande: BOCC, 2007.

ENTREVISTAS

- ARANTE, Ernande. João Pessoa, março de 2008.
- ATHAYDE, Ana Célia Rodrigues. Patos, abril de 2008.
- BASTOS, Paulo de Melo. Patos, abril de 2008.
- BORBA, Berilo Ramos. João Pessoa, março de 2008.
- CARVALHO, José Lenilton de. João Pessoa, março de 2008.
- CAVALCANTI, Lynaldo. Brasília, abril de 2008.
- MARIZ, Thompson Fernandes. Patos, abril de 2008.
- MEDEIROS, Francisco. João Pessoa, março de 2008.
- MONTEIRO, Antônio. Patos, abril de 2008.

Memórias



Antiga entrada da universidade
FOTO: Acervo



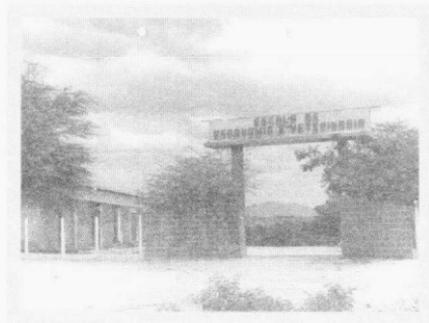
Antiga vista frontal do CSTR
FOTO: Acervo



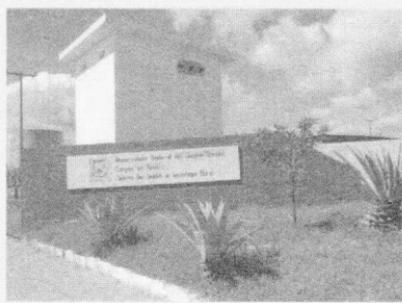
CSTR atualmente
FOTO: Metódio Leitão



Centro do CSTR
FOTO: Metódio Leitão



Frente da antiga Escola Francisco
Mascarenhas
FOTO: Acervo



Atual frente do campus
FOTO: Metódio Leitão



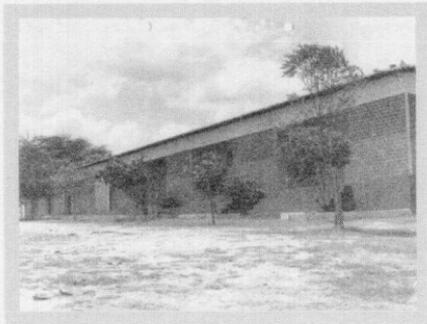
Frente do campus por dentro
FOTO: Metódio Leitão



Campus de Patos, em visão ampla
por fora
FOTO: Metódio Leitão



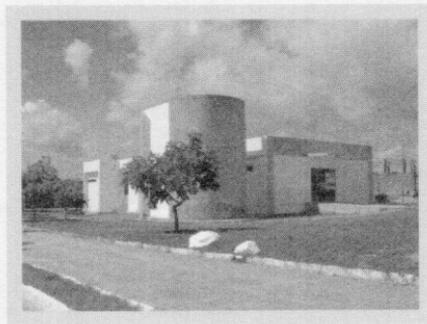
Antiga sala dos professores,
Biblioteca e Garagem
FOTO: Acervo



Antiga sala dos professores
FOTO: Acervo



Sindicato dos professores e
funcionários
FOTO: Metódio Leitão



Auditório Paulo Facim
FOTO: Metódio Leitão



Lenilton, jornalista, Rivaldo, Berilo e esposa
FOTO: Acervo



Reitor Berilo Ramos Borba, prefeito Rivaldo Medeiros, Coordenador do Campus Lenilton de Carvalho, representante do MEC
FOTO: Acervo



Representante do MEC e Coordenador Lenilton de Carvalho
FOTO: Acervo



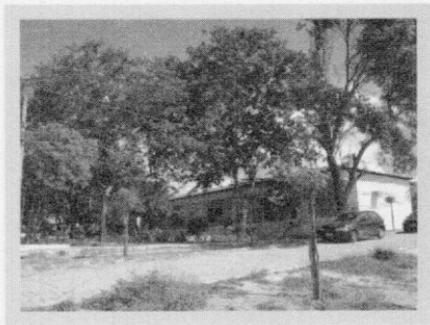
Inauguração do Laboratório (1982)
FOTO: Acervo



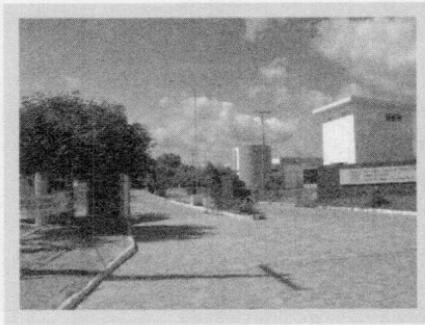
Inauguração do Laboratório (1982)
FOTO: Acervo



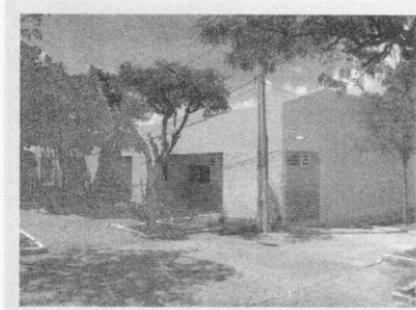
Inauguração do Laboratório (1982)
FOTO: Acervo



Fotografia recente da UFCC
FOTO: Metódio Leitão



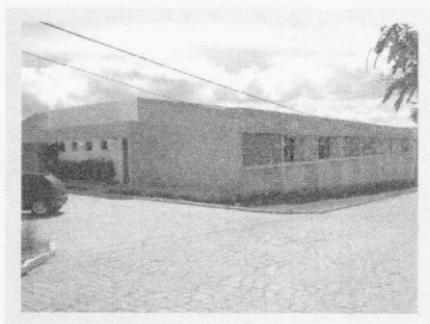
Fotografia recente da UFCC
FOTO: Metódio Leitão



Bloco de Administração
FOTO: Metódio Leitão



Central de aulas Jivaldo
FOTO: Metódio Leitão



Central de aulas lateral
FOTO: Metódio Leitão

Entrevista: Lynaldo Cavalcanti

Ficha técnica

Tipo de entrevista: Depoimento Temático;

Entrevistado: Lynaldo Cavalcanti de Albuquerque;

Entrevistadora: Fabiana Santos;

Transcrição: Maria da Silva Ramalho;

Conferencia da Transcrição: Maria da Silva Ramalho;

Técnico de Som: Fabiana Santos;

Digitação: Maria da Silva Ramalho;

Transcriação: Maria da Silva Ramalho;

Local: Brasília;

Data: 02 de abril de 2008;

Duração: 49:44;

Fitas: 02;

Páginas: 10.

F.S.1- Professor, fale um pouco sobre sua história de vida.

L.C. - Eu nasci em Campina Grande, dia 08 de dezembro do ano de 62. Vivi lá até 17 anos e fiz até o segundo ano científico por causa de oportunidade da não existência de curso de 2º grau completo em Campina Grande, então fui pra Recife e fiz o 3º ano científico no colégio Oswaldo Cruz. Depois fiz o curso de Engenharia Civil na Universidade Federal do Pernambuco, naquele tempo Universidade do Recife e depois voltei para Campina Grande.

F.S. - Gostaria que o senhor falasse um pouco sobre a sua formação acadêmica.

L.C. - Já tinha decidido muito cedo, em função do meu pai, e ele me encorajava a fazer curso de Engenharia, apesar dele não ter tido nem a oportunidade de terminar o primário em função da morte dos pais dele. Apesar de minha família

terminar o primário em função da morte dos pais dele. Apesar de minha família ter dificuldades minha mãe fez um grande esforço. Com muita dificuldade morei seis anos em Recife. Um ano de terceiro grau e cinco de Engenharia. Fiquei conhecido por ser um dos cinco melhores alunos e fiz o meu primeiro vestibular para Engenharia. Minha preferência pelo curso foi pela área de materiais, estruturas e pontes.

F.S. – Como o senhor chegou à reitoria da Universidade Federal da Paraíba?

L.C. – Antes era Universidade Estadual da Paraíba, foi criada em 55 e só tinha uma Unidade em Campina Grande que era a Escola Politécnica. As demais unidades eram em João Pessoa. Em 60 foi feita a Federalização e ficaram duas unidades: Ciências Econômicas, que era uma escola guiada pela Prefeitura de Campina Grande, então quando a Universidade Federal da Paraíba foi instalada a partir do meado de 61 eram 3 unidades: uma em João Pessoa e duas em Campina Grande. Em 67, uma decisão do Ministério da Educação, as escolas que atendiam Ciências Agrárias tinham que ser todas transferidas para as Universidades Federais dos Estados, inclusive Agronomia em Areia. Com isso nós ficamos com duas unidades em Campina Grande, uma Unidade em Areia, que é a tradicional escola de Agronomia do Nordeste criada em 1935 graças aos esforços do José Américo e que depois como governador cria a Universidade Estadual da Paraíba e três unidades em João Pessoa. Entrei na Politécnica em 57 como professor na área de estruturas e dei duas cadeiras e trabalhei também no escritório técnico da construção com uma equipe de alunos na parte de cálculo estrutural. Depois terminei sendo convidado para ser vice-diretor, depois diretor em exercício temporariamente até escolha do diretor. A escolha do diretor levou muito tempo, mas eu terminei sendo escolhido. Depois passei sete anos como Diretor e um ano e pouco como coordenador de pós-graduação, dos mestrados criados lá com o apoio do FUNDEF² em 70. Em 72 vim para Brasília e fui ser o Secretário Adjunto do Ensino Superior convidado pelo professor Antonio de

²Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério

Souza e permaneci quatro anos nessa função e como Souza e eu tínhamos um relacionamento forte no MEC³, principalmente com o primeiro Ministro da Educação do Governo Geisel, Ney Braga, eu manifestei interesse em concorrer a lista cívica de Reitor e ele me assegurou o apoio. Eu fui nomeado e fui para Campina Grande em fevereiro de 76. Fui Reitor até 1980. Dificilmente eu teria chegado a Reitor se tivesse ficado em Campina Grande. Como havia extinguido esse convite e depois mantido pelo Ministro Ney Braga e pelo professor Edson Machado eu tive condições de enfrentar o ex-reitor de lá, o Guilhardo Martins Alves, que queria o cargo de Reitor. Ele tinha sido durante 7 anos, no período de evolução e eu tive condições de disputar com ele e ser nomeado pelo Presidente Geisel e ter assumido em fevereiro. Por essa razão eu cheguei a Reitoria.

F.S. – Como surgiu a idéia de criar o campus da UFPB⁴ em Patos? E quais eram as expectativas do grupo fundador?

L.C. – Eu era Secretário Adjunto Superior e para fortalecer as escolas do interior eu me desvi com o apoio do MEC, e o Coronel Confúcio, secretário geral, para que o interior fosse um único centro. As três Faculdades do interior, as duas de Campina Grande, Ciências Econômicas e a Politécnica e Agronomia em Areia fossem reunidas em um centro chamado Centro de Ciências e Tecnologia e a Universidade só tinha 6 centros. Eram cinco centros em João Pessoa e um centro no interior o que de certa forma obrigava quase que provisoriamente que se trabalhasse em conjunto. Como Reitor a minha obsessão desde o primeiro dia e durante os 1460 dias que fui reitor era ampliar a interiorização. Só através do fortalecimento de Areia e Bananeiras em expansão e também de Campina Grande, onde foi possível ampliar muito o número de cursos, o número de alunos e de professores e a área construída. O campus de Campina Grande foi multiplicado por 6 em média e aí eu tinha obsessão porque Areia e Bananeiras eram campi de Ciências Agrárias mas localizados na região do Brejo e não era representativo no centro. Minha intenção era chegar no semi-árido, porque naquela época não havia apoio Federal como há hoje para criar novos campi,

³Ministério da Educação

⁴Universidade Federal da Paraíba

como eu vejo as universidades criando vários campi com o apoio do MEC, do Ministro Fernando Haddad e do Presidente Lula e eu tive que fazer como o Ministro Ney Braga dizia, fazer a interiorização com auto-didática. Seguramente surgiu uma oportunidade em Cajazeiras onde a Diocese nos cedeu toda a área e todas as suas facilidades, inclusive pediu que assumíssemos a formação de professores de Cajazeiras e depois eu consegui um terreno e fiz um prédio, ainda na minha gestão. Depois atendendo ao pedido do ex-governador Antonio Mariz, na época Deputado, eu também incorporei a Faculdade de Direito de Souza e consegui um terreno de 120 hectares para implantar o Campus futuro com outros cursos. Patos eu comecei antes, como eu tinha um programa que chamava criação de Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Extensão eu criei em uma área que a EMBRAPA⁵ nos cedeu, o NUPEÁRIDO⁶ e com um grupo de meia dúzia de pesquisadores e também monitores que funcionava sob a tutela do campus de Areia. Depois disso ainda na minha gestão, criou-se uma situação insustentável em que os cursos de Agronomia e Veterinária da Fundação Francisco Mascarenhas não conseguiam o seu reconhecimento no MEC, então negociei com a Fundação Francisco Mascarenhas, com o Conselho Universitário e com o pessoal de Areia e foi uma negociação difícil. Tive o apoio do Governador Tarcisio Burity e apoio do Ministro da Educação Ney Braga e do Edson Machado para que a gente transferisse os alunos de Patos para Areia onde já tinha um curso de Agronomia e Zootecnia e tivesse Veterinária em Patos e nós absolvêssemos os alunos e criasse o curso de Engenharia Florestal que eu considerava fundamental para a sustentabilidade do Semi-árido. O campus de Patos foi criado com o apoio do Governo do Estado e do MEC através da Secretaria da Educação do Ensino Superior. O DNOCS⁷, a Fundação Mascarenhas e a EMBRAPA cederam ao mesmo tempo para fazer as duas áreas somadas, embora não fosse propriedade da Universidade estavam cedidas e criou-se os dois cursos. O corpo docente eu busquei transferir, além de contratar pessoas que estavam disponíveis, inclusive estrangeiros eu também interagi com professores que estavam terminando o doutorado no exterior.

⁵Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

⁶Núcleo de Pesquisa e Extensão para o Semi-árido

⁷Departamento Nacional de Obras Contra as Secas

F.S. - Como a comunidade recebeu a criação do curso de Engenharia Florestal? E porque Engenharia Florestal e não outro curso?

L.C. - Eu acredito que a sociedade de Patos desejava, as lideranças e também os próprios alunos que eu federalizasse Agronomia e ficasse Agronomia e Veterinária. Agronomia é um curso mais tradicional que tem mais prestígio, traduzindo, muito mais forte do que os Engenheiros Florestais. É uma profissão mais conhecida, mas eu tive que negociar com muitas instituições, com o Ministério da Educação, com o Governo do Estado, com os professores universitários, com Areia quer dizer seria impraticável, naquele momento pelo menos, criar outro curso de Agronomia duplicando a Universidade da Paraíba com o curso de Agronomia de Areia criado em 35 e já tradicional. Sofri alguns problemas de transferência da Universidade, foi um esforço. Tinha que criar um curso de Ciências Agrárias, Areia já tinha Agronomia e Zootecnia. Engenharia Florestal era um curso que já consolidado em algumas regiões do país, como Viçosa, Piracicaba, Santa Maria e as pessoas diziam que era uma loucura criar Engenharia Florestal no semi-árido e eu pensava muito pelo contrário, o curso era para ajudar a sustentabilidade, nada mais adequado para evitar a destruição da Caatinga do que ter pessoas competentes na área de Engenharia Ambiental que passou mesmo a existir a partir dos anos 90. Hoje nós encontramos a presença de Engenheiros Florestais disputados no mercado. O curso aqui de Brasília hoje é um curso disputado. Quem acredita tem que ver que cada vez mais o Engenheiro Florestal vai ser bem mandado e será prestigiado. É um profissional fundamental ainda mais agora com todas essas questões de aquecimento global e o Engenheiro Florestal pode ficar nesse meio.

F.S. - Com relação a contratação dos professores. Como foram feitos os contatos e de onde eles eram?

L.C. - Começamos no segundo semestre de 79, eu saía da reitoria em fevereiro de 80. Portanto o meu esforço era pra que fossem transferidos ou contratados os professores para o ciclo básico de Engenharia Florestal e Veterinária. No entanto houve interceptações de pessoas do exterior e de um professor que estava em Bananeiras, mas que na realidade estava deslocado, Silvestre Fernandez

Vasquez tinha pós-graduação em Engenharia Florestal e aceitou o desafio de ser coordenador e todas as pessoas que ele me propôs que contratasse eu contratei. Pessoas de outras regiões já com pós-graduação, também desviando pessoas que estavam voltando do doutorado para Campina Grande e para Areia e deslocando para Patos. Foi um campus, que apesar do pouco tempo foi privilegiado e eu sei que meu sucessor, professor Berilo Ramos Borba, que ficou 4 anos depois de 6 meses de interioridade, ele dizia que era muito difícil me suceder porque eu tinha criado muitos cursos e que a missão dele era consolidar o que eu tinha feito, eu reconheço que referente ao campus de Patos que isso é verdade, agora a universidade era uma só e os reitores se sucedem. A Universidade tinha aumentado o número de campi, Areia tinha ganhado uma dimensão muito maior, a Universidade realmente passou por um processo de multiplicação. Eu não assumi quatro anos, eu assumi 1460 dias. Cada dia surgia uma oportunidade, um desafio, uma nova idéia e eu e minha equipe de pró-reitores, diretores e principalmente das secretarias pessoas como o professor Luis Almeida, prefeito do campus já falecido e que fez um grande trabalho e dedicou-se muito sincero, Matias, professor Geraldo Lucena pró-reitor de assuntos comunitários, o segundo pró-reitor de pós-graduação o professor João Rocha, quer dizer foi ele que pegou os últimos 10 meses de gestão e continuou ainda em mais gestões que sucederam.

F.S. - Na época da criação do curso e do campus, havia algum grupo que estava em desacordo? E quem fazia parte deste grupo?

L.C. - Havia um certo processo de xenofobia que depois em 83 quando eu não estava mais na Universidade estava no CNPq, se oficializou através da secretaria porque foram trazidos professores de outros países, indianos, argentinos, colombianos, franceses, canadenses e também pessoas de outras regiões como Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, havia até um time de esquerda. O pessoal da direita dizia que eu estava me divertindo com a Universidade, quer dizer estávamos no Regime Militar e havia um certo descontentamento em fazer funcionar uma Universidade como por exemplo no caso de Patos, de Areia.

⁸Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

Havia uma certa resistência porque Areia achava que não havia necessidade de criar outro campus agrário. Não era a direção do campus era a união dos alunos, dos professores, das próprias pessoas de Areia, os deputados, prefeito, que consideravam que o campus de Patos poderia se agregar ao campus de Areia. Então havia um certo descontentamento que certamente agravou-se quando eu deixei a Reitoria e eu não fiquei na Paraíba porque tinha várias coisas aqui em Brasília, mas meus sucessores devem ter superado. Eu estive em Patos em 97, fui paraninfo de Engenharia Florestal e fiz um discurso sobre a interiorização da UFPB que foi interrompida. Eu era muito calco com meus sucessores, inclusive com o que estava lá assistindo, professor Jader Nunes que foi Reitor durante 8 anos, eu dizia que considerava um crime interromper a interiorização porque era a transposição do conhecimento e era fundamental para que o semi-árido consiga realmente ter condições, muito mais do que recursos hídricos o semi-árido precisa de conhecimento. Com a separação das Universidades, Patos optou felizmente por ficar com Campina Grande e Areia resolveu ficar com João Pessoa, Areia e Campina Grande não se bicam desde 1907 quando a linha do trem foi para Campina e não para Areia. O reitor hoje está criando novos campi, Cuité, Pombal, está lutando pelo de Itaporanga, por Itabaiana com grande dinamismo, com grande persistência. Ampliou o número de cursos em Souza, em Cajazeiras, em Patos, inclusive Patos já tem até cursos de pós-graduação. Eu acho que Patos, só tem a ganhar com esse reitorado do professor Thompson Mariz. Eu saí da Reitoria em 80 e já pedia a separação das duas Universidades. A separação era pra acontecer no máximo até 1990 e só aconteceu em 2002 em uma negociação política do Senador Ronaldo Cunha Lima com o Presidente Fernando Henrique que finalmente desengavetou o projeto que havia de separação e mandou para o Congresso. Felizmente a pessoa que foi escolhida Reitor é uma pessoa que vestiu a camisa do sertão. Eu acho que a Paraíba vai dar exemplo para o Nordeste e para o país com seus campi, seus professores, laboratórios, alunos, cursos bons e diversificação. Manchas de conhecimento que vão fazer em termos de Nordeste, na Paraíba, muito mais que Pernambuco ou Rio Grande do Norte e outros estados.

F.S. - Quem era o Prefeito da cidade de Patos? Ele foi favorável?

L.C. - O prefeito eu não me recordo de ter tido maior contato com ele não. Havia um deputado, Edvaldo Mota que já faleceu, ele era muito entusiasta. O grande parceiro no momento em que foi necessário, inclusive junto ao MEC de que havia recursos para assentamentos e para instalações foi o Governador Tarcisio Burity. Apesar de nós não termos um histórico de bom relacionamento ele honrou com o apoio junto ao MEC e com o repasse de recursos. Acho que 60 milhões de cruzeiros, eu não sei quanto vale hoje, em vinte prestações. Ele e Edvaldo Mota insistiram e batalharam mesmo.

F.S. - Em entrevista concedida ao CNPq, notamos que senhor teve um papel muito importante com a interiorização da UFPB, fale um pouco sobre esse trabalho e da equipe que o senhor trabalhava.

L.C. - Era uma verdadeira obsessão. Além de querer qualidade em João Pessoa eu busquei também ampliar a área de humanidades e absolver Medicina porque eu previa a separação e Campina Grande levar junto para os centros do semi-árido. Realmente havia companheiros meus de administração que temiam um pouco pela falta de recursos porque não era um programa do governo federal, era um programa da Universidade Federal da Paraíba, apoiado pelo Ministro Ney Braga. Eu tive o apoio de várias pessoas que tinham vindo do Departamento de Assuntos Universitários, naquele tempo já chamado SEIR - Secretaria de Educação Superior, do professor Edson Machado, o próprio Ministro, os políticos locais que também embolsavam. Na realidade era uma obra de Engenharia Institucional e muito difícil porque tudo isso correspondia no fim, além de recursos pra investimento, você conseguia aumentar a folha da universidade porque trazia um campus novo e tinha que contratar professores e então comecei o grande esforço junto ao Ministério de Planejamento e ao próprio MEC no sentido de aumentar o repasse de recursos do Tesouro para pessoal. A Paraíba chegou a ser o segundo orçamento das Federais quando eu saí da Reitoria. Passei de 900 professores para 2.700, só isso demonstra como foi o crescimento. Campina Grande, por exemplo, foi bastante grande porque só tinha alguns poucos cursos e eu ampliei vários cursos no interior praticamente

de 0 a 100. Você chegava em Patos e só tinha 6 pessoas, que era um coordenador do Nupeárido e mais 5 monitores e nós passamos para 70 professores. A mesma coisa com Cajazeiras que foram muitos cursos de Licenciatura e queria colocar muita gente com mestrado na área de formação de professores para ir pra Cajazeiras. Depois conseguimos um terreno da prefeitura e um recurso do Ministério do Planejamento através do Ministro João Paulo Veloso e confiamos o campus de Cajazeiras, foi uma luta insana, desigual, difícil, incessante e tenaz. Haviam pessoas que diziam cuidado para não crescer demais e depois não entrar em uma crise, mas eu pensava um pouco e depois continuava.

F.S. - No outro período o senhor falou que para regionalizar precisava criar núcleos de pesquisa como o NUPEÁRIDO, o senhor já tinha a intenção de criar o campus de Patos?

L.C. - Eu cheguei na Paraíba e criei logo o Núcleo de documentação e informação histórica regional em João Pessoa. Fortaleci o Núcleo de Energia Solar, criei o Núcleo de Energia Elétrica em Campina Grande, de Biogás em Patos, o núcleo de Pesca e Recursos do Mar em João Pessoa. Criei cerca de 30 núcleos. Quando criei o NUPEÁRIDO com 6 pessoas, um obstáculo que retardou foi porque de repente quando eu falava em criar cursos de Ciências Agrárias em Patos as pessoas diziam, mas não já tem curso da Fundação Mascarenhas que eram criados por uma Instituição que naquela época não tinha condições de ensino, corpo docente qualificado, mas estava lá. Era um problema graduado, político e até social dos alunos que acreditaram e fizeram vestibular e o curso não era reconhecido.

F.S. - Na mesma entrevista ao CNPq o senhor falou que quando assumiu a Reitoria, o interior representa apenas 15% do ensino superior na Paraíba enquanto João Pessoa representava 85%. A sua principal meta foi diversificar o ensino superior no estado?

L.C. - A palavra chave era regionalização da Universidade. Ela tinha que fazer várias coisas, inclusive mudar currículos, diversificar os cursos e também ir para todo o território do estado. Não podia ficar só onde ela estava, a 120 km de

João Pessoa que é a cidade de Areia. A regionalização, portanto, era uma palavra que vigorava sempre em tudo e eu dizia que a consolidação ia ser concedida, até a descentralização que era delegar o máximo possível e confiar nos pró-reitores, nos diretores dos centros, nos coordenadores dos núcleos, aqueles que tivessem criatividade, que se sentissem a vontade para buscar parcerias, buscar recursos, etc. Tem também, o que eu chamava de integração, que na realidade significaria hoje interdisciplinaridade, integração era mostrar que é possível você ter um curso de Agronomia completamente sociável, por exemplo, das engenharias, das ciências sociais. Quer dizer a universidade tem que ter em mente e buscar o trabalho em equipes que trabalham e somam. Eu criei vários núcleos interdisciplinares como o núcleo de informação histórica e regional que tinha historiadores, geógrafos, economistas, sociólogos, pessoal de direito. Era um esforço para que esse pessoal somasse e trabalhasse em informação e documentação histórica regional. O problema foi muito em relação aos outros núcleos que de um modo geral tinha um pouco de descaso com essa questão chamada de Núcleo interdisciplinar de pesquisa e extensão. Era a interiorização e foi o que justamente foi feito, fortalecendo os que já existiam e a diversificando a criação de cursos que a Universidade não oferecia. Nós criamos cursos como Medicina Veterinária, Engenharia Florestal, Engenharia Agrícola, Nutrição em João Pessoa, Engenharia de Alimentos. Nós passamos de 5 cursos de pós-graduação, 2 em Campina Grande e 3 em João Pessoa, para 32. Quando eu saí, tinha 30 mestrados e 2 doutorados.

Entrevista: Thompson Mariz

Ficha técnica

Tipo de entrevista:

Entrevistado: Thompson Fernandes Mariz;

Entrevistadora: Maria da Silva Ramalho;

Equipe Presente na Entrevista: Maria da Silva Ramalho, Thayamma Brena Leite Maranhão de Lucena e Rawena Erta;

Transcrição: Maria da Silva Ramalho;

Conferencia da Transcrição: Maria da Silva Ramalho;

Técnico de Som: Maria da Silva Ramalho e Thayamma Brena Leite Maranhão de Lucena;

Digitação: Maria da Silva Ramalho;

Transcrição: Maria da Silva Ramalho;

Local: Restaurante Alguidar - Patos;

Data: 17 de abril de 2008;

Duração: 1:02:48;

Fitas: 02;

Páginas: 15.

M.R. - Professor, fale um pouco sobre sua história de vida e sua formação acadêmica.

T.M. - Eu nasci em São João do Rio do Peixe na verdade uma cidade chamada Antenor Navarro, no sertão da Paraíba. Fiz o colegial lá depois fiz o 1º ano do ensino médio no colégio estadual de Cajazeiras. Terminei no Liceu Paraibano. Fiz vestibular para Engenharia Química e passei, conclui em julho de 80. Trabalhei em Bacabau - Maranhão, em Salvador e uma rapidíssima experiência em Santa Rita em uma usina de açúcar. Entrei no mestrado de Engenharia Química e durante o mestrado prestei concurso para a Universidade e entrei para o curso de Engenharia de Materiais na área de polimeros. A carreira em vez de

acadêmica é uma carreira voltada para a administração. Pertenci a todos os colegiados da Universidade Federal da Paraíba e exerci todos os cargos que eram possíveis se ocupar. Fui coordenador de curso, chefe de departamento, liderei o processo de criação do Departamento de Engenharia de Materiais e como primeiro chefe do Departamento de Engenharia de Materiais fui representante do CCT¹ na época do CONSEPE², fui vice-diretor, diretor do CCT, pró-reitor e fui convidado para compor a chapa do professor Jader, no segundo mandato e ganhamos a eleição separadamente. Eu assumi em janeiro de 2001 e em abril de 2002 a Universidade foi criada. Em maio fui nomeado reitor. Houve uma briga política, uma tentativa de interferência política para nomeação do reitor. A UFPB foi ágil suficiente para aprovar meu nome como sugestão para ocupar o cargo em caráter pró-tempore para instalar a Universidade. Isso foi encaminhado ao Ministro e o Ministro terminou me designando para ser o reitor pró-tempore e nomeando também o pró-reitor adjunto da praia, na época era o professor Fábio de Freitas Pereira e o professor Alexandre Gama foi nomeado como vice-reitor pró-tempore da UFCG.

M.R. - Como o ensino superior chegou a Campina Grande?

T.M. - Em 1952 um grupo de professores do ensino normal, médio, da educação básica, engenheiros, pioneiros decidiram criar uma escola Politécnica em Campina Grande. Depois criaram a FARC, Faculdade de Ciências Econômicas e a POLI, Escola Politécnica de Engenharias. Em 02 de dezembro de 1955, o então governador José Américo de Almeida criou a Universidade Estadual da Paraíba incorporando algumas Faculdades privadas que tinham em João Pessoa e em Campina Grande e formou-se o campus II da antiga Universidade do estado da Paraíba. 5 anos depois, no dia 12 de dezembro de 60, por influência de Abelardo Jurema que era Ministro da Justiça do governo Goulart a Universidade Estadual da Paraíba foi federalizada e se transformou em Universidade Federal da Paraíba com os campi de João Pessoa como sede,

¹Centro de Ciências e Tecnologia

²Conselho Superior de Ensino, Pesquisa e Extensão

³Universidade Federal da Paraíba

⁴Universidade Federal de Campina Grande

Campina Grande e a escola de Agronomia do Nordeste em Areia. O colégio agrícola Vidal de Negreiros era também vinculado ao Ministério da Agricultura e foi desvinculado e incorporado a Universidade Federal da Paraíba constituindo-se assim o campus IV. O campus III Areia, II em Campina Grande e I na sede em João Pessoa. O professor Lynaldo Cavalcante assumiu o reitorado da Universidade Federal da Paraíba em um processo de expansão incentivado pelo governo militar da época que queria incentivar o ensino superior. Ele então incorporou a Faculdade de Filosofia e Letras de Cajazeiras à UFPB e aí se constituiu o campus V. Depois a Faculdade de Direito de Sousa que era particular vinculada ao município criada pelo então deputado federal, Antonio Mariz foi federalizada e transformou-se no campus VI. Em Patos existia o curso de Agronomia e de Medicina Veterinária, na Fundação Francisco Mascarenhas. Como já existia o curso de Agronomia em Areia, Lynaldo recebeu como doação todo o campus que era do DNOCS e ele federalizou, portanto o curso de Agronomia e de Medicina Veterinária. Agronomia ele extinguiu e deixou só em Areia ficando apenas o curso de Medicina Veterinária. Em substituição a Agronomia ele criou Engenharia Florestal em Patos e se deu a grande expansão da Universidade e ela se consolidou como a segunda maior Universidade do país, chegando a ser o segundo maior orçamento.

M.R. - Como se deu o desmembramento da UFPB?

T.M. - Decorrente do crescimento do campus de Campina Grande tanto na graduação quanto na pós-graduação dada inclusive pelo próprio Lynaldo. Em 69 quando ele era diretor da Escola Politécnica na época da reforma cêntrica, era uma Universidade de ensino, pesquisa e extensão e ele começou incentivar que as pessoas saíssem de Campina Grande para fazer mestrado e doutorado fora e permitiu que os professores que aqui estavam pudessem se deslocar para outros países para cursar mestrado e doutorado. Campina Grande então começou a criar uma forte base de professores altamente qualificados e esses professores começaram a produzir pesquisas e em consequência disso surgiram os cursos

⁵Departamento Nacional de Obras Contra as Secas

de pós-graduação. O campus de Campina Grande foi se fortalecendo academicamente e ficou conhecido como maior centro de Engenharia do Norte/Nordeste/Centro-oeste brasileiro e começou haver as demandas internas de separação. Não dava para conviver com João Pessoa, tudo quanto vinha para Universidade Federal da Paraíba basicamente ficava em João Pessoa e quanto aos professores dos 6 outros campi muitas vezes não tinham infra-estrutura de pesquisa então o que acontecia? eles iam para João Pessoa com a alegação que João Pessoa eles tinham um apoio. Muitos foram qualificados e foram para João Pessoa e João Pessoa também se fortalecia academicamente, então começou o processo visto já de tempos antigos, o desmembramento, só que isso nunca prosperou devido as várias tentativas de políticos. Na época do Presidente Collor, veio uma comissão à Paraíba e ela dividiu a Universidade Federal da Paraíba em duas, em uma Universidade úmida, que a gente chama João Pessoa, Areia e Bananeiras e em uma Universidade seca, Campina Grande, Patos, Sousa e Cajazeiras. Ninguém nunca aceitou essa divisão. Os campinenses queriam só Campina Grande e o sertão não aceitava jamais pertencer a Campina Grande, porque a vinculação do povo do interior não é com outras cidades do interior é com a capital do estado. Mas tinha uma outra questão que ficava por trás disso que era a Pró-reitoria do interior que não deu a importância aos campi aos quais ela supervisionada. Essa insatisfação toda gerou que o interior da Universidade buscasse alternativas. No reitorado do professor Neroaldo Pontes, foi constituída uma outra comissão para discutir em cada um dos campi se aceitava ou não o desmembramento de Campina Grande para se transformar em uma Universidade e todos disseram sim e foi aprovado o desmembramento do campus de Campina Grande para se transformar em uma Universidade Federal, só que quando o projeto foi pra lá, veio uma outra comissão do MEC que deu o ciente e nesse projeto presidido por Noeroaldo, eu fui o secretário da comissão. Na última linha da última página ele colocou "seria interessante de que a Universidade de Campina Grande se desmembrasse, mas que Patos, Sousa e Cajazeiras também ficassem vinculadas a essa Universidade. O projeto de lei foi encaminhado ao Congresso Nacional e ficou dormindo. Quando Aécio Neves

⁶Ministério da Educação

assumiu a Presidência do Congresso ele tinha muito interesse porque em São João Del Rei tinha um campus que se transformasse em Universidade Federal de São João Del Rei e também tinha interesse de Itamar Franco de transformar Itajubá em uma Universidade Federal de Engenharia em Itajubá – EFEI e foi nesse barco da criação da Universidade Federal de Itajubá, da Universidade Federal de São João Del Rei que entrou a criação da Universidade Federal de Campina Grande. Entrou com a Campina sede, Patos, Sousa e Cajazeiras e esses campi não queriam participar dessa Universidade e o projeto dizia que eles tinham que ficar sob a custódia de Campina Grande. Avenzoar Arruda, antigamente Deputado ainda tentou colocar uma emenda é dar oportunidade a uma espécie de plebiscito se o pessoal de Patos queria ficar vinculado a Campina ou João Pessoa. O então Ministro Paulo Renato disse se fizer qualquer emenda eu retiro o projeto. O Diário da Borborema estampou no outro dia “Avenzoar inimigo de Campina Grande”. Avenzoar então tirou a emenda e deu o que de fato acabou acontecendo, a criação da Universidade Federal de Campina Grande, com Campina sede e os três campi, Patos, Sousa e Cajazeiras vinculados à UFCG.

M.R. - Desde a época do professor Lynaldo ele já dizia que era pra Universidade ter sido desmembrada, qual foi o papel do senhor nessa luta?

T.M. - Falar de si mesmo nunca é uma coisa boa e eu tenho um certo constrangimento, não me sinto bem falando de mim mesmo. Eu sempre fui um defensor ardoroso da separação da Universidade, porque eu achava grande, mastodonte, tudo ficava concentrado em João Pessoa. É tanto que ao assumir a Federal de Campina Grande nós imprimimos um ritmo diferente de administrar. Eu estava no momento certo, na hora certa. Eu era vice-reitor da UFPB, tinha participado, como secretário, da comissão de elaboração do projeto. Em todos os campi a pessoa que falava em defesa do desmembramento era eu e Neroaldo, propositadamente, levava um assessor ou membro da comissão para falar contra. Eu acho que ele fez a comissão para dar uma certa satisfação à Campina Grande, mas no fundo talvez, ele não quisesse. Só que ela terminou vindo, pelas forças que estavam envolvidas. Campina Grande queria porque queria a sua

Universidade Federal. Eu tive um papel secundário no primeiro momento, mas me parece que ajudei a colocar esse projeto na frente, a caminhar, dei minha contribuiçãozinha. No processo de condução aí sim eu passei a exercer um papel mais relevante, porque estava na hora certa, no lugar certo. Eu era vice-reitor da UFPB, pertencia ao campi hoje que havia se transformado em Universidade, então legitimado pelo voto do interior, tinha sido eleito duas vezes consecutivas. Como vice-reitor em chapa desvinculada eu fui eleito com mais de 50% dos votos da UFPB, era a maior autoridade acadêmica legitimamente eleita daquilo que estava nascendo, da UFCG. No Conselho Universitário desta gestão houve reuniões com os dirigentes do interior em Campina Grande e eles decidiram encaminhar meu nome de forma consensual para implantar a Universidade. Houve uma, vários acordos, eu fui constrangidamente obrigado a assinar o acordo de que eu não me candidataria quando fosse fazer a eleição. Sob pressão eu assinei. Naturalmente um tempo depois disso eu descumprí com bons argumentos aquilo que havia assinado.

M.R. - Após a separação, houve um tempo para elaboração do estatuto da nova Universidade que ficou regido até então pela UFPB. Quanto tempo levou para esse estatuto ficar pronto?

T.M. - Tínhamos até outubro de 2002 para entregar a proposta. Cumprimos o prazo e ela retornou em fevereiro de 2003 para ajustes e nós aprovamos em maio de 2003 o estatuto da Universidade, publicado no Diário Oficial. Ocorre que o processo de constituição para elaboração do estatuto foi mais doloroso, porque foi por meio de uma estatuinte. Essa estatuinte queria que os segmentos fossem igualmente representados, 1/3, 1/3 e 1/3 e a LDB não permitia, e eu vetei essa decisão. Como eu vetei essa decisão e coloquei de forma proporcional, 70% professores na estatuinte, 15% de funcionário público e professores a própria estatuinte impetrou, eles proibiram no estatuto de que reitor vetasse decisões tomadas pelo Conselho Universitário, por Câmaras ou pelo Colegiado Pleno. Hoje se o Colegiado Pleno decidir por qualquer que seja o assunto, mesmo que seja ilegal eu sou obrigado a cumprir, a não ser que alguém entre na justiça e a

M.R. - O senhor foi indicado para ficar como reitor pró-tempore antes da elaboração do estatuto. Foi por indicação que o senhor ficou? Depois do senhor ter assumido a pro-temporaneidade isso assegurou de que o senhor sairia vencedor nas eleições para reitor?

T.M. - Não. Tanto é que foi uma campanha acirrada ocorre que na própria temporiedade eu fui submetido a uma sabatina. Eu tinha que matar um leão por dia, todo dia tinha problemas. Nós não tínhamos recursos, não tínhamos professores de Faculdade, não tínhamos equipamentos de informática, não tínhamos pessoal treinado em recursos humanos, não tínhamos licitações, era o verdadeiro caos e só quem conviveu é quem pode testemunhar quanto de sofrimento foi o processo de instalação. Nós não contamos com a ajuda da prefeita da época de Campina Grande a senhora Cozete Barbosa, não contamos com o apoio do governo. Para implantar a Universidade não contamos com o apoio de nenhum deles. Para não dizer o governador Cássio Cunha Lima me cedeu, por meio do secretário da administração Misael Moraes, um automóvel para deslocamentos por que nem isso nós tínhamos. O carro e um celular, que eu como vice-reitor da Universidade Federal da Paraíba usava foi entregue no dia 31 de dezembro de 2002 à UFPB e a UFPB aceitou. Podia ter tido um gesto mais elegante e ter dito não enquanto você não tem um celular ou enquanto você não tem um carro, fica com esse santana que você usa como vice-reitor, mas nem isso. A ATECEL é a Associação que existe em Campina Grande foi quem doou uma Ipanema antiga 96 para que eu pudesse me deslocar, ela chegou a tal ponto que eu gastava mais com a sua manutenção do que... então o governo nos cedeu um carro. Nós não tínhamos o apoio de ninguém e tínhamos uma oposição ferrenha. As reuniões do Conselho Universitário eram massacrantes, doidas porque a gente não tinha espaço. Eu não tinha nem tempo para me deslocar para Brasília e ir atrás de alguma coisa porque eu tinha medo de ao voltar a cadeira ter sido ocupada. Tinham uns diretores que ficaram na oposição e outros ficaram conosco, mas isso era uma minoria que nós tínhamos no Conselho Universitário. Qualquer motivo eles buscavam para denunciar em rádios, televisão, jornais, panfletagens, foi muito difícil a implantação. Por isso nada me garantia que eu

⁸Associação Técnico-científica

seria eleito. Como eu tinha feito um bom trabalho como pró-reitor do interior e tinha tido uma boa articulação, tinha dado conta do processo de implantação, eu estava qualificado para postular e as pessoas me procuraram. Me convenci de que eles tinham razão eu não tinha porque cumpri um acordo com o qual as pessoas que me fizeram assinar aquele acordo também descumpriram. Eles tinham que ter me dado trégua para poder trabalhar, para poder implantar a Universidade e não me deram, eram os principais opositores e eles me fizeram assinar aquilo sabendo que eles seriam beneficiados porque eles é que seriam os candidatos, então eu não respeitei também o acordo. E fomos eleitos com 60% dos votos na eleição quando ela foi colocada em novembro de 2004. Eram três chapas. Uma encabeçada por mim e por professor Edílson Amorim, outra pelo principal opositor o professor Benedito Aguiar tendo como vice o professor Lemuel Dourado Guerra e uma terceira chapa tendo Rômulo Paes e o professor João Bosco de Cajazeiras que estava inclusive em processo de redistribuição para João Pessoa, ele nem professor da UFCG ele era.

M.R. - Quantos cursos a UFCG tinha quando ela foi desmembrada? E quantos cursos existem hoje?

T.M. - Em Campina Grande existiam 21 cursos de graduação. Em Patos 2, em Sousa 1, em Cajazeiras 5. Eram 29 cursos. Hoje são 49 cursos e em breve seremos cerca de 78 cursos de graduação com o REUNI . Houve um crescimento assustador de habilitações. Primeiro houve uma sinergia interna. A Universidade começou criar com sua própria capacidade instalada. Então em Cajazeiras se criou Enfermagem, em Sousa se criou Contabilidade, em Patos se criou Ciências Biológicas, em Campina Grande se criou Engenharia de Produção. Criamos 6 cursos em Pombal e 6 cursos em Cuité, 16 cursos. 45 com as habilitações ele chega a condição de 49 cursos, mas seremos 78 cursos ao término da implantação do campus de Sumé que nós acabamos de conseguir, Itaporanga e Itabaiana que estamos nesse projeto, além do REUNI. Em Patos houve um crescimento fortíssimo na pós-graduação com a criação dos mestrados e com proposta de 2 doutorados, o que pode fazer de Patos uma

referência factual em ciências agrárias.

M.R. - A UFCG se destaca pela expansão do ensino e das instalações físicas dos campi como o senhor falou, a criação do campus de Pombal, Cuité, agora Itabaiana, Itaporanga. Como são elaborados esses projetos para a criação dos novos cursos?

T.M. - Nós tivemos acesso em janeiro de 2003 a um documento que fez parte da comissão de transição do governo Fernando Henrique Cardoso para Lula, da Comissão da Educação e peguei a parte da educação superior. Quando vi que o governo ia enviar esforços para cumprir com o plano nacional da educação que estabelecia que até o término da década 30% dos jovens brasileiros de 18 a 24 anos deveriam estar na educação superior e que ele iria portanto fortalecer a universidade pública, nós elaboramos um projeto, fizemos um diagnóstico de status e traçamos as diagonais. Diagonal da zona da mata que pega de Mamanguape e vem até Itabaiana, fizemos a diagonal seca que começa no Curimataú e passa pelo Seridó e se emboca aqui no Cariri, em Sumé e fizemos uma diagonal sertaneja começando de Catolé do Rocha, passando por Pombal e atravessando o vale do Piancó terminando em Princesa Isabel. Feito isso a gente verificou que um índice muito pequeno, muito pequeno de jovens de 18 a 24 anos nessas regiões estavam na educação superior e quando estavam, não estavam na cidade ou região, estavam fora. O pessoal de Itaporanga, por exemplo, estava em Patos, João Pessoa, Campina Grande ou Cajazeiras. Então começamos elaborar o projeto. Criar um campus em Sumé, no Cariri, um campus em Cuité, no Curimataú, um campus em Pombal, porque em Catolé do Rocha tinha um campus da UEPB, no meio da diagonal tinha uma escola privada com enormes problemas que era de Economia e Contabilidade que não haviam nem sido reconhecidos, era uma escola privada. Na ponta tinha o vale do Piancó, a cidade que polariza melhor o vale é Itaporanga. Elaboramos o projeto e em 19 de julho de 2005 em presença do governador do estado, senadores, deputados estaduais, federais, prefeitos, apresentamos toda a expansão da universidade, aquilo que a gente designou de PLANEXP. O PLANEXP foi apresentado em audiência

¹⁰Universidade Estadual da Paraíba

pública para o ministro da educação e todas as suas autoridades presentes. Não contemplaram Itabaiana contemplaram Sumé no Cariri, Cuité no Curimataú, Pombal, Princesa e Itaporanga. No PLANEXP 2 nós inserimos Itabaiana, o Colégio Agrícola de São João do Rio do Peixe e um colégio de formação de mineradores de artesanatos mineral em Santa Luzia. Conseguimos na primeira fase implantar o campus de Cuité e o campus de Pombal. O de Pombal está em construção, mas já está funcionando em umas instalações provisórias e recebemos a notícia de que nós ganhamos mais um campus que seria o campus de Sumé. Serra Talhada recebeu 16 milhões de reais para implantar 6 cursos, nós pedimos 17 milhões para implantar o campus de Sumé, com 6 cursos em Sumé, 4 em Itabaiana e 4 em Itaporanga. Os cursos de Itaporanga são, tecnologia em agro-informática, tecnologia em irrigação e drenagem, dois tecnólogos e duas engenharias, Engenharia de Apicultura e uma engenharia mãe, nós pensávamos em uma engenharia de recursos hídricos por conta de todo vale do Piancó está a montante do reservatório de Coremas/Mãe D'água Mas pensamos no futuro, Cajazeiras já tem Medicina, Sousa já tem Direito, Pombal já tem Agronomia, Patos já tem Medicina Veterinária e terá odontologia em breve, estava faltando nas áreas exatas um curso de Engenharia Civil para depois se pensar na Universidade Federal do Oeste da Paraíba ou do sertão da Paraíba. Então eu decidi tirar Engenharia de Recursos Hídricos e botei Engenharia Civil.

M.R. - Qual o orçamento anual da UFCG?

T.M. - É difícil mensurar isso porque o que vem pelo Tesouro dá em torno de 200 milhões de reais, mas o que ela capta de recursos via setimpra, via projetos, com vestibular, com o Hospital Universitário de Campina Grande capta recursos com o Ministério da Saúde, então isso varia muito, mas dá em torno em torno de 250 milhões de reais.

M.R. - Como é feita a divisão do orçamento para os campi?

T.M. - Existe uma matriz orçamentária para manter os cursos que leva em consideração o número de alunos que entra, o número de alunos que sai, residência,

¹¹Plano de Expansão Institucional da UFCG

a área, cada área tem um peso, então depende da área. Esses vetores entram em uma matriz. Primeiro você tem que assegurar recursos que digam respeito a todos, recursos para pagar água, luz, telefone, vigilância, limpeza, esses recursos não são distribuídos eles ficam sob a supervisão da reitoria. Recursos de bolsas, embora o restaurante universitário a gente redistribua, eles ficam supervisionados pelas diversas pró-reitorias. Quando tiramos tudo tem um montante e a gente pega uma parte desse montante, cerca de 40% e divide entre os campi por essa matriz de alocação de recursos. A parte que fica sob a supervisão da reitoria, ele faz uma matriz diferente. Antigamente, por exemplo, o dinheiro que vinha para Patos só era o dinheiro para ele manter o curso de Engenharia Florestal e Medicina Veterinária com esse dinheiro que era para manter o curso se por acaso um carro quebrasse ele tinha que concertar o carro com o dinheiro da matriz acadêmica, ele tinha que fazer serviços do campus universitário. Nós mantivemos a matriz de alocação para a manutenção dos cursos de graduação e criamos rubricas específicas para manutenção de veículos, combustível, restaurante universitário, começando com a ação de bens e imóveis e conservação de equipamentos. Então eles recebem recursos além da matriz acadêmica, recebem recursos no que diz respeito a manutenção de equipamentos, de veículos, manutenção de bens e imóveis, reformas, manutenção do arruamento, paisagismo, urbanismo, restaurante universitário, residências universitárias, são recursos que também ficam alocados. O hospital universitário em Campina Grande tem uma dotação significativa para o hospital que é diferente da matriz acadêmica e diferente da matriz de manutenção da estrutura do campus. Então se Patos antes recebia 10 hoje ele deve está recebendo 20 qualquer que seja a moeda. Isso acontece com Patos, com Sousa e com Cajazeiras basta ver o canteiro de obras que tem hoje em cada um dos campi. Não é só Patos que está passando por essa modernização de estrutura, hoje Patos tem auditório, microônibus novo, além de outros carros novos, tem a biblioteca e o ginásio que estão sendo construídos, a central de aula toda climatizada, arruamento do campus, reformas em diversos laboratórios, reforma em toda infra-estrutura, de fibra ótica de cabeamento telefônico e energia elétrica, reformas nos ambientes administrativos, um projeto de compra de uma

fazenda, reforma no hospital veterinário, aquisição de equipamentos. Para quem esteve em Patos há 3 anos atrás e chegar agora vai tomar um susto e isso que nós fizemos não tem só ação do reitor, é ação também dos diretores locais, do professor Paulo Bastos, da professora Ana Célia. Eu estou fazendo tudo isso porque o governo Lula está botando o dinheiro é verdade, mas se eu não for a Brasília eu não pego o dinheiro, o reitor tem que ter empreendedorismo, tem que ter projetos. Do mesmo jeito se Paulo não me apresentar projetos consistentes não vem dinheiro para cá, porque eu não vou dá dinheiro só porque Paulo é amigo meu, claro que as carências do campus elas virão aí sim é uma coisa táctica é preciso fazer o que Patos precisa. Daqui para o fim do meu mandato nós vamos deixar a comunidade de Patos razoavelmente satisfeita com o campus que eles tem, porque muitas vezes as pessoas esquecem, não valorizam o que tem. Tem políticos de Patos que recentemente andaram me detratando, me desqualificando porque eu fiz uma escolha pessoal, mas depois foi referendada coletivamente pelo colegiado para instalar o curso de Medicina, toda imprensa de Patos me desancou por conta disso quando não viram racionalidade no ato que estava ali. Eu às vezes me pergunto será que as pessoas sabem o que Patos tem da UFCG? será que as pessoas já foram lá para ver o avanço fantástico que o campus vem passando? porque eles não valorizam o que tem? e porque essa desqualificação toda? Depois que eu percebi que a comunidade acadêmica tinha me compreendido, quem não tinha me compreendido tinha sido os políticos, mas os políticos queriam faturar politicamente em cima de mim. Eu como não tenho compromisso com nenhum deles pouco me importou que eles tenham ficado com raiva de mim ou não, mas eu espero que a história possa ser recontada e a imprensa e os políticos de Patos façam justiça aos comentários, as conclusões apressadas sobre o professor Thompson que eles tomaram ou o que eles propagaram na época.

M.R. - O campus de Patos tem autonomia para investir no que priorizar ou esse acordo é feito juntamente com a reitoria?

T.M. - Dentro daquilo que ele recebe tem absoluta autonomia para priorizar. O conselho dirigido pelo diretor tem autonomia para reorientar investimentos e

até solicitar a locação de recursos para investir em determinado setor. Agora a autonomia acaba sendo muito pouca porque nós temos que segurar um pouco os recursos. O projeto de reestruturação e expansão das universidades brasileiras vem para modernizar ainda mais a instituição. Muito mais do que está sendo feito hoje vai ser feito em um futuro muito breve. Esse ano, ainda, começará uma outra central de aulas aqui em Patos com recursos do REUNI.

M.R. - Quais as expectativas de expansão para o CSTR este ano?

T.M. - Vou falar global e depois eu chego no CSTR. Nós estamos envolvidos em um projeto do campus de Sumé que será apresentado no dia 6 de maio. Em Sumé nós vamos ter 6 cursos, uma unidade de educação e outra de tecnologia de educação. 6 cursos em Sumé, 4 no colo de Itaporanga e 4 no colo de Itabaiana, portanto 14 cursos. Eu quero deixar o reitorado com todas as micro-regiões do estado contempladas com um campus universitário. O vale do Paraíba vai ter Itabaiana, Curimataú, Cuité que já tem, Borborema tem Campina Grande, o Cariri tem Sumé, Espinharas Patos, o vale do Piancó, Itaporanga. Nessa conjunção do rio Paraíba e do Piancó pegando uma das maiores bacias leiteiras do estado, Pombal como campi a encruzeirada para outros estados. No alto sertão com dois, Sousa na área de ciências sociais aplicadas e Cajazeiras com educação e saúde. Completando isso um colégio agrícola em São João do Rio do Peixe e um colégio técnico em mineração e formadores de artesãos, se criou um colégio técnico em Santa Luzia voltado para a mineração. Esses são os projetos e boa parte está em andamento. Para o CSTR tem esse ano nós vamos fazer vestibular para Odontologia e o ano que vem começa já começa a funcionar. Vai ser feita uma nova central de aulas, nós vamos comprar livros esse ano para Odontologia e talvez até começar a licitação dos laboratórios ou das inerentes atividades do curso, final do ano para começar o ano que vem. Então o CSTR na graduação cria mais dois cursos, Odontologia em 2009, embora o vestibular seja feito em novembro/ dezembro de 2008, e em 2010 o curso de zootecnia fechando a área de ciências agrárias e ciências biológicas diurno em 2009. Na pós-graduação nós estamos iniciando agora um terceiro mestrado em ciências

¹²Centro de Saúde e Tecnologia Rural

florestais, mas logo se deve dar a aprovação de dois pedidos para o programa de doutorado. É claro que a comunidade, os dirigentes locais podem ter outros projetos de expansão que ainda não chegaram ao meu conhecimento, mas naquilo que eu puder colaborar certamente receberão de mim o apoio e o respeito para que se consolide cada vez mais.

M.R. - Na entrevista que nós fizemos com o prof. Lynaldo, ele elogia muito a administração do senhor na UFCG. Na sua opinião qual foi o papel do professor Lynaldo para o ensino superior na Paraíba?

T.M.- Indescritível porque sem o amor de Lynaldo, sem aquele destemor que é característica dele nós não teríamos a capitalização de cursos superior que nós temos hoje. Ele foi reitor da Federal e da Estadual e o dedo dele está nas duas. A Estadual também é multi-campi porque tem o dedo de Lynaldo. Ele saiu criando campi, como ele fez com a UFPB ele fez com a UEPB. Na época Ney Braga era o Ministro da Educação e dizia que ele fazia expansão na Universidade que era uma expansão mão de gato porque ele pegava o que era particular e transformava em pública. Acho que não dá para mensurar a importância estratégica para formação de nordestinos e brasileiros nesse contexto porque na Paraíba, muitos gaúchos, paulistas, catarinenses, piauienses, alagoanos e norte riograndense, cearenses, se formaram aqui. A Paraíba é referência em educação superior para o Brasil inteiro. Para o nordeste é inédito isso, Pernambuco que é um estado muito mais importante, do ponto de vista econômico, político e geográfico do que a Paraíba, mas concentrou o ensino superior na capital. A admiração que eu tenho por Lynaldo vem de muito tempo, não é que eu seja um seguidor da política dele é porque eu acredito que só há desenvolvimento se houver educação e as pessoas tentam criar uma dicotomia entre o ensino básico com o ensino superior. Essa dicotomia não existe. O ensino básico só vai ser bom se o ensino superior for bom. Se você formar bons professores você vai ter um ensino básico de qualidade. Se você entrar com um aluno de péssima qualidade muitas vezes ele desiste antes de terminar. A Paraíba está fazendo isso por meio da UFCG, por meio da UEPB, por meio da UFPB no litoral. Eu acho que a Paraíba vai ficar muito bem contemplada com o

ensino superior e eu acho que essa é uma das vantagens comparativas que nós temos. Eu não sou engenheiro de Minas eu não sou economista, mas nossas possibilidades de desenvolvimento é apostar na educação e nos arranjos de atrativos locais e isso se faz com pessoas bem formadas e treinadas.

Entrevista: Antônio Monteiro

Ficha técnica

Tipo de entrevista: Depoimento Temático;

Entrevistado: Antônio Monteiro;

Entrevistadora: Thayamma Brena Leite Maranhão de Lucena;

Equipe Presente na Entrevista: Thayamma Brena Leite Maranhão de Lucena;

Transcrição: Thayamma Brena Leite Maranhão de Lucena;

Conferencia da Transcrição: Maria da Silva Ramalho;

Técnico de Som: Thayamma Brena Leite Maranhão de Lucena;

Digitação: Thayamma Brena Leite Maranhão de Lucena;

Transcriação: Maria da Silva Ramalho;

Local: Patos – FIP;

Data: 24 de abril de 2008;

Duração: 15:25;

Fitas: 01;

Páginas: 03.

T.L. - Senhor Antonio quando a Fundação Francisco Mascarenhas foi fundada?

A.M.- A Fundação Francisco Mascarenhas foi fundada em 1º de maio de 1964 com o curso de Economia. Em 1970 foi criado o curso de Filosofia. Em 71 foi criado Agronomia e Veterinária.

T.L. - Qual a sua função?

A.M.- Desde o dia 1º de maio de 64 que eu exerço a função de tesoureiro e diretor financeiro da Fundação Francisco Mascarenhas. Sou um dos membros e fundadores. José Gomes era o presidente e eu o diretor financeiro.

T.L. - Que motivos levaram a Fundação a fechar os cursos de Agronomia e Veterinária?

A.M.- O motivo que levou o fechamento dos cursos de Veterinária e Agronomia foi o interesse que a Universidade Federal da Paraíba tinha em absorver os cursos. O secretário da educação em Brasília travou o reconhecimento de Agronomia e Veterinária e travou o reconhecimento dos demais cursos que a Fundação Francisco Mascarenhas tinha. Então houve um acordo com o MEC¹, com o Reitor da UFPB², Lynaldo Cavalcante para que fossem doados esses dois cursos para a Universidade Federal e em troca disso seria liberado o reconhecimento dos demais.

T.L.- Porque a Fundação saiu do local onde a UFPG está localizada hoje?

A.M.- Aquelas terras eram do DNOCS, nós conseguimos nos instalar lá através do DNOCS e construímos aquele prédio para funcionar Agronomia e Medicina Veterinária. Então com a doação dos dois cursos para a Universidade Federal eles ficaram lá porque o terreno não era nosso, pertencia ao DNOCS.

T.L.- Houve algum pagamento pelas construções que a Fundação havia feito no terreno?

A.M.- Não. Eles deram uma pequena gratificação em função de alguns equipamentos que ficou lá, mas nós trouxemos uma boa parte que poderia ser aproveitado em outros cursos.

¹Ministério da Educação

²Universidade Federal da Paraíba

³Universidade Federal de Campina Grande

⁴Departamento Nacional de Obras Contra a Seca